

Universidade de Brasília

**Contribuição do professor para o despertar
do interesse pela leitura**

Tátylla Michelle Alves de Sousa

Brasília

2017

Universidade de Brasília
Tátylla Michelle Alves de Sousa

Contribuição do professor para o despertar do interesse pela leitura

Trabalho de conclusão de curso de
Pedagogia na Universidade de Brasília
realizado pela aluna Tátylla Michelle Alves
de Sousa, de matrícula nº 13/0058211
com a orientação da Professora Dr^a Maria
Emília Gonzaga de Souza.

Brasília

2017

À minha amada mãe, pela
compreensão, carinho e apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui.

À minha amada mãe, pelo apoio, incentivo e motivação durante essa caminhada.

Ao meu padrasto e às minhas queridas irmãs, por estarem em todos os momentos ao meu lado.

Ao meu namorado pelo seu carinho, apoio e compreensão.

Às minhas amigas de vida e curso que me acompanharam sempre e apoiaram em todos os momentos.

À minha querida orientadora Maria Emilia, pela paciência atenção e pelas suas orientações. Muito obrigada!

À UnB e aos professores pela oportunidade e contribuição em minha formação.

A todos que fizeram parte da minha formação, muito obrigada!

Quem não planta jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles. (Rubem Alves)

RESUMO

A presente pesquisa busca responder: como o professor pode contribuir para o despertar do interesse pela leitura nos alunos? Para isso, o objetivo geral da pesquisa é: refletir sobre a contribuição do professor na formação do estudante leitor, e os objetivos específicos são: verificar os desafios encontrados pelos professores para despertar o interesse da leitura nos estudantes; identificar atividades didáticas que promovam o interesse pela leitura; investigar o contexto escolar que promova o gosto pela leitura; identificar a prática de leitura dos professores e o exemplo que oferecem para seus estudantes. No referencial teórico foram descritas algumas formas de estimular práticas de leitura, no segundo tópico são identificados alguns desafios encontrados pelos professores e no último tópico são identificadas algumas atividades didáticas que favorecem a formação do estudante leitor. Os principais autores que embasaram esse estudo foram: (DCN. 2003) (BENCINI. 2006) (MEC. 2006) (Kriegel. 2002) (PCN. 1997) (JORDÃO E RUBIN. 2015) (PNAIC. 2012) (GUILHERME. 2013) (MEIRELLES. 2006). Para alcançar os objetivos definidos a metodologia da pesquisa foi de cunho qualitativo com estudo de caso, os sujeitos da pesquisa foram professores da educação infantil até os anos finais do ensino fundamental da rede pública e privada do Distrito Federal e crianças de uma turma do 4º ano do ensino fundamental. Para coletar os dados, os instrumentos foram: questionário, com professores e grupo focal, com os estudantes. A partir dos dados obtidos por meio desse percurso metodológico foi feita a interpretação desses dados. O professor é mediador em sala de aula e cabe a ele buscar estratégias que favorecem a formação do estudante leitor, pois quando a leitura é trabalhada de forma planejada e contextualizada desenvolve o gosto pela leitura nos estudantes. A leitura precisa ganhar mais espaço nas escolas e há uma necessidade da escola fazer uma aproximação do seu trabalho com a leitura, motivando e estimulando os estudantes. O professor deve estar disposto e mostrar entusiasmo pela leitura, dar exemplo para seus educandos.

Palavras chave: leitura; professor; gosto pela leitura;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CILs – Centro Interescolar de Línguas

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNAIC – Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

RAs – Regiões Administrativas

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero.

Gráfico 2 - Professores das Etapas da Educação Básica segundo o Sexo - Brasil – 2007.

Gráfico 3 - Comparativo de Proporção de Professores da Educação Básica por sexo, 2007.

Gráfico 4 - Professores que atuam na rede pública ou privada.

Gráfico 5 – Área de atuação.

Gráfico 6 - Relação com a leitura.

Gráfico 7 – Livros lidos por ano.

Gráfico 8 – Como você considera sua contribuição na formação do sujeito leitor.

Gráfico 9 – Como você incentiva seus alunos a lerem?

Gráfico 10 – Como a escola está organizada para desenvolver o gosto pela leitura?

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Percentual de escolas de educação básica com biblioteca e/ou sala de leitura por município – 2016.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alcances de investimentos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	26
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	17
1.1 - Estimulando práticas de leitura.	17
1.2 - Leitura: Desafios encontrados pelos professores	23
1.3- Atividades didáticas que promovem o interesse pela leitura.....	27
CAPÍTULO 2 – ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	33
2.1- Definindo pesquisa qualitativa.....	33
2.2- Pesquisa descritiva	33
2.3- Pesquisa de campo.....	34
2.4 – Grupo Focal.....	34
2.5- Sujeitos da pesquisa	35
2.6- O espaço da pesquisa.....	36
2.7- Definindo os instrumentos de pesquisa	36
CAPÍTULO 3 – LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICES	63

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em outubro de 1995, na cidade do Gama, situada no Distrito Federal. Sou a filha mais velha e tenho duas irmãs. Minha mãe é piauiense, diarista e dona de casa e não chegou a concluir o Ensino Médio. Meu pai é professor de matemática e mora no estado do Piauí, porém é separado da minha mãe e não temos muito contato.

Quando eu tinha cinco anos, minha mãe casou com meu padrasto com quem teve minhas duas irmãs. Atualmente moro com minha mãe, padrasto e minhas irmãs em um bairro do Novo Gama - GO, localizado no entorno de Brasília.

Entrei na escola muito cedo, aos dois anos, em uma creche particular do bairro que moro, onde estudei até os três anos, depois fui para uma escola de educação infantil, também da rede privada, onde tive momentos maravilhosos em relação ao primeiro contato com a leitura e escrita. A dona da escola, também é Pedagoga e dá aulas, foi minha professora e alfabetizadora, a escola estimula bastante as crianças e foi assim que aprendi a ler aos quatro anos.

Saí da escola, pois só atendia a Educação Infantil, e fui estudar em uma escola pública do bairro que moro. Cheguei a essa outra escola com seis anos e pulei o antigo Pré Escolar porque já estava alfabetizada, então fui para a 1ª série. Fiquei na escola até a 4ª série e tive que mudar de escola, pois não oferecia os anos finais do ensino fundamental.

Nesse período, os professores não estimulavam as crianças a ler e a leitura era feita somente com livros didáticos, algumas turmas tinham um cantinho da leitura, onde podíamos pegar livros e ler na escola e essa era a única atividade relacionada à leitura. Mesmo sem essa estimulação dos professores, em casa tive muito incentivo em relação à leitura, minha mãe apesar de ler pouco me incentivou bastante a ler, a partir daí fui criando gosto pela leitura.

Minha mãe sempre nos estimulou muito nos estudos, e preocupada com minha formação fui estudar em uma escola pública no Gama, pois as escolas do bairro onde moro o ensino não são de boa qualidade. Os professores faltam muito e às vezes algumas turmas ficam muitos dias e até semanas sem aula. As escolas não possuem boa estrutura e pensando nisso fui estudar nessa outra escola, onde fiquei até o fim do ensino fundamental.

A escola, onde estudei da 5^o à 8^o série, tinha uma ótima biblioteca, onde eu gostava de pegar livros emprestados. Quando fui ao Ensino Médio, também em uma escola pública do Gama, já no primeiro ano tive uma experiência negativa que me marcou muito. O professor de Língua Portuguesa quando via algum aluno da turma lendo algum livro que não fosse relacionado ao conteúdo do PAS ou ENEM repreendia os estudantes. Ele dizia que no ensino médio o foco era vestibular e que tínhamos que fazer as leituras indicadas e não *“perder tempo”* com outras leituras.

Foi um ano em que acabei me afastando dos livros e fiz pouquíssimas leituras de temas do meu gosto, somente as que eram obrigatórias da escola. Já no segundo ano tive uma professora, que era totalmente o oposto do outro professor e dizia que não importava sobre o que estávamos lendo, a leitura nunca seria uma perda de tempo. Essa mesma professora mostrou à turma que mesmo sendo leitura obrigatória, era possível trabalhar de forma que não se tornasse algo desgastante. Terminei o ensino médio em 2012 aos 16 anos.

Eu tinha vontade de fazer algum curso relacionado à saúde, tentei o vestibular para enfermagem, mas não passei. Entrei na Universidade de Brasília pelo ENEM em 2013, com 17 anos. No início estava receosa, pois o campus é muito distante da minha residência, entre ida e volta são mais de 100 km, mas fiquei muito feliz e realizada por realizar meu sonho de estudar em uma universidade pública.

No curso de pedagogia tive ótimos professores, que foram fundamentais para minha formação. Apesar de poucas disciplinas nessa área, peguei uma matéria relacionada à leitura que me marcou positivamente. A matéria trabalha leitura e todas as aulas tinham oficinas de leitura. A professora fazia a mediação e também participava das oficinas que tinha sempre algo sobre

leitura. Nessa disciplina tínhamos também uma mini biblioteca onde cada aluno trouxe um livro e íamos pegando emprestados. Conforme terminávamos a leitura, depois quem quisesse podia contar um pouco da história que leu.

No terceiro semestre do curso comecei a estagiar em uma escola privada, essa escola é extremamente conteúdista, lá minha função era auxiliar a coordenação e orientação, funções que tenho bastante interesse. Mas, confesso que não foi uma boa experiência e tive algumas frustrações profissionais.

Depois que saí dessa escola fui fazer estágio em outra que o método era montessoriano, onde tive uma experiência maravilhosa. Nessa nova escola trabalho com alfabetização e gostei bastante do método. Há projetos de leitura, uma boa biblioteca e uma consultora de leitura que auxilia os professores em escolha de livros.

No curso de pedagogia tive a oportunidade de participar de um projeto que realizava acompanhamento escolar com crianças em situação de vulnerabilidade econômica em Santa Maria. Foi uma ótima experiência para minha formação porque coloquei em prática o que aprendi na universidade. No projeto tínhamos mais liberdade que em estágios, então criamos projetos, atividades, planejamento, enfim, foi uma experiência muito rica, onde tive momentos de bastante aprendizado.

INTRODUÇÃO

Ler, antes de tudo, é descobrir e expandir horizontes, porém a leitura tem que ser entendida como um ato de prazer e ser incentivada desde cedo por pais, professores e meios de comunicação. Isso faz com que o gosto pela leitura seja inserido naturalmente no cotidiano e jamais como uma obrigação.

No Brasil, infelizmente, lê-se pouco. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil- 4ª edição realizada em 2016 pelo Ibope a pedido do Instituto Pró-livro, com uma amostra de 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, aponta que o brasileiro lê em média 4,96 livros por ano sendo 2,43 inteiros e 2,53 em partes. De acordo com a pesquisa 30% dos entrevistados nunca comprou um livro.

A leitura é feita na maioria das vezes pela obrigatoriedade nas escolas e essa leitura escolar está distante da realidade das experiências pessoais dos estudantes, o que acaba fazendo com que muitos deixem a leitura de lado. Porém a leitura leva a um pensamento crítico, e quem tem o hábito de ler constrói opiniões mais facilmente.

A motivação para a realização desse trabalho é justificada pela discussão que ganha cada vez mais força: o grande desinteresse dos brasileiros pela leitura o que reflete diretamente nas escolas, onde grande parte dos alunos afirma não ter gosto pela leitura. Muitos veem a prática da leitura como uma obrigação o que acaba tornando-a como algo feito sem vontade e nem prazer. Mas como o professor pode contribuir no despertar do interesse pela leitura nos alunos?

O presente trabalho tem por objetivo geral:

- ✓ Refletir sobre a contribuição do professor na formação do estudante leitor.

E como objetivos específicos:

- ✓ Verificar os desafios encontrados pelos professores para despertar o interesse da leitura nos estudantes;
- ✓ Identificar atividades didáticas que promovam o interesse pela leitura;
- ✓ Investigar o contexto escolar que promova o gosto pela leitura;
- ✓ Identificar a prática de leitura dos professores e o exemplo que oferecem para seus estudantes;

Assim, refletir sobre as práticas didáticas que mais contribuem para que ocorra a formação do leitor de forma satisfatória, na qual o estudante além de decodificar palavras consiga compreender o significado do texto e expressar seu pensamento crítico. É partindo da premissa que o professor exerce grande influência sobre o gosto pela leitura que fundamento minha pesquisa.

O referencial teórico – primeiro capítulo -será dividido em três partes, na primeira serão descritas algumas formas de estimular a prática de leitura e como o professor tem papel fundamental nesse processo. No segundo tópico serão identificados e discutidos alguns desafios encontrados pelos professores referentes à formação do estudante leitor. O terceiro tópico traz algumas atividades didáticas pedagógicas que favorecem a aquisição do gosto pela leitura e como devem ser trabalhadas em sala de aula de maneira que esse processo se torne mais eficaz.

No capítulo dois é descrita a metodologia da presente pesquisa, que foi qualitativa, e utilizou como métodos de coleta de dados a aplicação de questionário com professores de rede pública e privada e um grupo focal com um grupo de estudantes do 4º ano.

A partir da coleta de dados, o terceiro capítulo vai descrever e analisar os resultados obtidos com o questionário e grupo focal.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - Estimulando práticas de leitura

Sabemos que a leitura e escrita são fundamentais para a inserção na sociedade letrada em que vivemos, pois por meio delas ocorre a comunicação e são transmitidos conhecimentos. Mas, ler vai além de decodificar os sinais gráficos é imprescindível que o leitor compreenda o sentido do texto, ou seja, a ideia que é passada, e ter um posicionamento crítico sobre o que foi lido. "A leitura do mundo precede a leitura da palavra" Paulo Freire (1989, p.9), assim a compreensão do texto ocorre por meio da relação entre a leitura e o contexto.

Para formar um leitor é indispensável que ele compreenda qual a ideia que o autor quer repassar para o leitor e não apenas decodificar sílabas e palavras, é necessário incentivar a prática de leitura visto que esta motiva e desperta o interesse pela linguagem escrita, possibilitando a habilidade de compreensão e significação do texto.

Segundo BRASIL (2003, p.116),

A escola tem tido dificuldades para tornar os conteúdos escolares interessantes pelo seu significado intrínseco. É necessário que o currículo seja planejado e desenvolvido de modo que os alunos possam sentir prazer na leitura de um livro.

Meirelles (2010) afirma, para que se sinta prazer pela leitura é fundamental ao educador estimular que os estudantes dividam suas ideias e escutar suas opiniões acerca do texto. Além de considerar opiniões que se diferem e aceitar gostos pessoais, pois ao impor interpretação ou ignorar opiniões estará desestimulando o hábito leitor.

De acordo com BRASIL (2006) ler por prazer é uma das finalidades da leitura que nos torna leitores e nos estimula a buscar novos textos. A escola deve vincular a leitura e o prazer no espaço de formação de leitores. Sendo assim, cabe ao professor fazer a integração entre ensino de estratégias de leitura e preocupações com a formação do leitor, por isso a necessidade em

conduzir os estudantes, suprir seus desejos e dar autonomia, possibilitando o acesso a textos que atendam também a gostos pessoais.

Outra finalidade da leitura segundo BRASIL (2006), é ler para receber mensagens de outras pessoas, atribuir sentido ao que o autor quis transmitir, podendo ser trabalhado na escola por meio das cartas ou jornais, por exemplo, que passam uma mensagem de uma pessoa para a outra, tais como: um fato, ideia, opinião ou ponto de vista capaz de gerar debates ricos em sala de aula.

A próxima finalidade da leitura é orientar-se para atividades diversas, como por exemplo, como fazer comidas, brinquedos de sucatas, regras de jogos, instruções de usos, dentre outras. Na escola ao trabalhar textos para orientação ao educador cabe a reflexão sobre como deve ser feita a leitura desses textos e localizar informações importantes. As atividades didáticas necessitam ser pensadas em função do que fazemos fora de sala de aula.

A quarta finalidade é ler para se informar, adquirir conhecimentos. Alguns suportes para buscar conhecimentos são os jornais, revistas, livros e periódicos científicos. Uma estratégia que auxilia o trabalho com essa finalidade é estimular os alunos a selecionar, organizar, articular e comparar informações de diversos textos. Assim, os estudantes vão aprender a estudar, desenvolver modos de acessar o texto para compreender determinado tema.

Ler para escrever é a quinta finalidade da leitura de acordo com BRASIL (2006). É fundamental que os estudantes aprendam que escrever um texto não é copiar outro, que o sentido e compreensão do texto são construídos por meio do que foi escrito,

Os projetos didáticos em que os alunos participam de feiras de conhecimento ou escrevem livretos sobre temas específicos são excelentes oportunidades para que os alunos desenvolvam estratégias de apreender o sentido global de um texto, a selecionar as informações relevantes para os seus propósitos, a organizar essas informações, elaborando esquemas ou resumos, e, a partir daí, escrever os textos a serem apresentados. (BRASIL, 2002, p. 51)

E, por último, ler para aprender a ler, o papel do professor é planejar situações de leitura variadas que desenvolvem capacidades leitoras nos estudantes.

Essa consciência por parte do professor é fundamental para que ele, ao mesmo tempo, diversifique as finalidades de leitura para aproximar os alunos das diferentes esferas sociais de interlocução e proponha atividades que ajudem a desenvolver as estratégias de leitura, necessárias ao próprio processo de escolarização e de acesso aos textos diversos. (BRASIL, 2002, pg. 52)

Assim, segundo BRASIL (2006) o trabalho da leitura em sala de aula deve ser relacionado ao que os estudantes estão acostumados a fazer cotidianamente, deve ter um propósito e ter uma função social. É fundamental a seleção de textos e criar situações que estimulem a curiosidade pela leitura. Desse modo, é indispensável avaliar se a informação oferecida à criança é adequada, e como será trabalhada para que os objetivos desejados sejam alcançados. Não se pode restringir somente aos tipos de texto que o professor pede, para formar leitores é preciso trabalhar com a diversidade textual. Pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 42) é indispensável,

Portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Ainda, segundo BRASIL (2006) a finalidade de leitura está diretamente relacionada ao gênero textual a ser escolhido, se desejo saber como preparar um prato diferente, por exemplo, procuro receitas, em cada momento de leitura o leitor procura estratégias para interagir com o texto, dando um significado com base na finalidade do texto, as estratégias de leitura envolvem:

- Traçar objetivos para a leitura: determinado pelo professor ou aluno, definir como o texto será lido e o que será prioridade na leitura.
- Selecionar informações do texto,
- Ativar conhecimentos prévios: estabelecer relações entre o que conhece e o que está sendo lido.
- Antecipar sentidos ao texto.
- Elaborar inferências.

- Avaliar e controlar a compreensão do texto.

De acordo com BRASIL (2006), as estratégias devem ser inseridas de forma natural, devem ser aprendidas durante a prática de leitura,

[...] é tarefa do professor viabilizar o uso dessas estratégias, oferecendo a seus alunos a leitura de diversos gêneros textuais, atendendo a uma variedade de propósitos inseridos em diferentes situações de interação. (BRASIL, 2006. P.64)

O Currículo em Movimento da Educação Básica - Ensino fundamental - Anos iniciais nos mostram que ao trabalhar com gêneros textuais o educador deve fazer uma relação entre leitura, escrita, conhecimentos lingüísticos e literatura e oralidade, pois “saberes provenientes de cada um desses campos se relacionam na compreensão e utilização de diferentes gêneros textuais, diversificando e ampliando situações de letramento vivenciadas por estudantes.” (DISTRITO FEDERAL 2014, p. 12).

É fundamental que o professor diferencie gêneros de tipos de textos, para trabalhar com diversidade textual em sala de aula. Os gêneros, segundo o caderno do Ensino Fundamental – Anos iniciais,

referem a textos específicos que são encontrados no cotidiano (poemas, cartas, e-mails, receitas, anúncios), enquanto os tipos textuais dizem respeito a modos textuais (narração, exposição, injunção/instrução, descrição, argumentação) que podem aparecer com certa predominância ou articulados entre si na organização interna dos gêneros. (DISTRITO FEDERAL. 2014, p. 13)

Assim, com a diferenciação de gêneros de tipos textuais o educador poderá elaborar atividades que colaboram para um trabalho mais rico e aprofundado sobre diversidade textual.

De acordo com BRASIL (2006), o planejamento é ferramenta fundamental para criar estratégias eficazes na formação do leitor, pois ao planejar a rotina de trabalho, ocorre um melhor aproveitamento do tempo em sala de aula, com recursos didáticos necessários, reflexões acerca de quais atividades são mais adequadas.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997, p. 42), o professor vai ser mediador da prática de leitura, pois este é um modelo para o estudante. Uma vez que é por meio do professor que a criança vai receber o incentivo às suas práticas de leitura, pois sendo um leitor experiente vai favorecer o processo de circulação de informações entre os estudantes.

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.

Segundo Bencini (2006) o professor deve criar estratégias didáticas coerentes com a realidade, realizar atividades para facilitar o entendimento e não somente para a avaliação.

Para Kriegl (2002, p.05), ao educador é imprescindível planejar

[...] bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nela serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações de concorrência entre as crianças e promovendo, sempre que possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, incentivem o gosto pela leitura e façam o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação – situações de leitura silenciosa, por exemplo.

Cabe ao professor permitir e incentivar o estudante a passar por diferentes experiências de leitura e escrita sem receio de errar, expor suas opiniões e hipóteses e fazer reformulações dessas, diante das suas vivências. Assim o professor auxilia os estudantes a avançar no processo de aquisição da leitura e escrita, aproximando-se cada vez mais do letramento. E desse modo, estará facilitando a compreensão de que escrevemos para comunicar uma idéia ou fato, permitindo a ela, dar sentido para tudo o que lê. O professor estará não só incentivando a leitura como também despertando interesse no estudante.

O contexto cultural em que vivemos influencia significativamente o desenvolvimento do estudante, contribui para que ele perceba a sua ligação

com a leitura, visto que vivemos em uma cultura letrada. O ensino da leitura e escrita fazem parte de um contexto sócio cultural e assim dão sentido ao aprendizado e relacionam-se com a vida e a realidade do estudante.

Durante esse processo, os professores têm um papel indispensável, pois eles são os agentes facilitadores que irão incentivar e guiar a criança ao longo da vida escolar, pois nos PCNs (BRASIL, 1997, p. 43) vemos que,

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura.

Para Kriegl (2002, p.4),

Também é preciso levar em consideração que existem situações de leitura mais motivadoras do que outras; por exemplo, a prática da leitura fragmentada – um parágrafo cada um, duas páginas por dia... -, muito freqüente em nossas escolas, é mais adequada para “trabalhar a leitura” em determinados aspectos que para as crianças lerem.

Quando se referem à modalidade de leitura os PCNs mencionam sobre a dificuldade de leitura encontrada em determinados textos, ou seja, algumas leituras devem ser feitas por partes, outras ser lidas repetidamente para extrair a informação necessária, algumas leituras serão feita de maneira lenta e em outras é necessário um maior esforço (BRASIL. 1997).

Nesse processo algumas práticas do professor auxiliam o estudante a compreender de forma mais apropriada o processo de leitura. Tais como orientar o educando quando este encontrar alguma dificuldade de leitura, fazer a leitura atentamente junto ao estudante, mostrar informações, questões, incentivando assim, o gosto pela leitura, e a tornando mais interessante. Assim o professor, “precisará torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (BRASIL, 1997, p.43)

Assim, a criança não será apenas um receptor do texto, mas ele irá construir e desenvolver outros sentidos para o texto junto aos outros estudantes, para que a leitura seja aproveitada.

1.2 - Leitura: Desafios encontrados pelos professores

Despertar o gosto pela leitura muitas vezes acaba sendo uma árdua tarefa para os educadores, que são mediadores desse processo planejando e desenvolvendo atividades que estimulam os estudantes a criar gosto pela leitura.

Segundo Jordão e Rubin (2015), um dos desafios encontrados pelos professores é a falta de material adequado e de qualidade para as faixas etárias, principalmente na educação infantil, onde a maioria das bibliotecas não possuem livros que contemplam crianças de 0 aos 3 anos. Muitas vezes a escola sequer possui biblioteca, segundo Avancini (2016), a maioria das escolas brasileiras desde a educação infantil até o ensino médio não possuem esse espaço disponível para os estudantes. E a biblioteca desempenha um papel formativo pois disponibiliza o contato com livros.

No início do Ensino Fundamental- Anos iniciais, o grande desafio encontrado por educadores é avançar para além da alfabetização, ou seja, alfabetizar e formar leitores ao mesmo tempo. De acordo com Jordão e Rubin (2015, p.50)

Desenvolver e consolidar a fluência da língua e a compreensão leitora [...] ao mesmo tempo, seguir estimulando a participação ativa na cultura letrada numa hora em que já é possível dar autonomia para esse pequeno leitor.

Nessa fase escolar, o professor tem o papel de incentivar a leitura por meio de indicações de livros, levar os estudantes à biblioteca, propiciar a criança momentos em que ela possa descobrir o que gosta de ler, ensinar a gramática e, ao mesmo tempo trabalhar vários tipos de texto, gêneros, e autores.

Para Jordão e Rubin (2015, p.52) existem alguns desafios, um deles é “encontrar o meio termo entre a leitura de *best-sellers* e a literatura de qualidade e, ao mesmo tempo, tratar o hábito de ler de forma espontânea”, e o outro é como trazer essa literatura para a vida do estudante, o professor pode

fazer uma relação desses livros com a literatura mostrando como há milhares de livros com o mesmo tema, estimulando a curiosidade dos estudantes sobre a literatura.

Para alguns professores a mídia pode ser um desafio, já que com o avanço das tecnologias o uso do livro foi deixado de lado. Para Barcellos (2005) a escola se apresenta com o mesmo modelo de cem anos atrás e divide espaço com a mídia, assim precisamos de educadores que estejam envolvidos com as informações das mídias e relacioná-las com as disciplinas considerando sua contribuição com o trabalho pedagógico sendo um recurso de apoio e motivação.

É fundamental que a escola também promova a análise de bons textos, segundo, Denise Guilherme (2013, p.03), pois,

[...] discutindo os diferentes recursos utilizados pelos autores e os efeitos de sentido que provocam nos leitores, as relações que podem ser estabelecidas entre as obras conhecidas e quais são as mais ricas para o trabalho com a língua e a linguagem. Enfim, é preciso que a vivência de uma comunidade de leitores não se restrinja apenas aos alunos, mas possa envolver todas as instâncias educativas da escola.

Outro desafio encontrado pelos educadores é trabalhar os diversos gêneros textuais em sala de aula, que contribuem para motivar os estudantes a realizarem leituras variadas e melhorar suas habilidades leitoras, tornando a leitura prazerosa ao mesmo tempo. Segundo o Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (BRASIL. 2012, p. 07), os gêneros textuais,

[...] são instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais. São historicamente mutáveis e, conseqüentemente, relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares. Assim, para que a interação entre falantes aconteça, cada sociedade traz consigo um legado de gêneros, por meio dos quais são compartilhados conhecimentos comuns. Em consequência das mudanças sociais, os gêneros se alteram, desaparecem, se transformam em outros gêneros. Desse modo, novos gêneros textuais vão se constituindo, em um processo permanente, em função de novas atividades sociais.

A dificuldade encontrada por educadores é aprofundar o trabalho com esses gêneros que estão em transformação, segundo o PNAIC (BRASIL, p.09)

o professor precisa tomar alguns cuidados que favorecem o processo de aprendizagem da leitura e produção de textos;

1. Escolher os textos a serem lidos, considerando-se não apenas os gêneros a que pertencem, mas, sobretudo, o seu conteúdo (o que é dito), em relação aos temas trabalhados. O objetivo é que as crianças aprendam a ler e escrever, mas também aprendam por meio da leitura e da escrita.
2. Propor situações de leitura e produção de textos com finalidades claras e diversificadas, enfocando os processos de interação e não apenas as reflexões sobre aspectos formais.
3. Escolher os gêneros a serem trabalhados com base em critérios claros, considerando-se, sobretudo, os conhecimentos e habilidades a serem ensinados; relações entre os gêneros escolhidos e os temas/conteúdos a serem tratados
4. Abordar os gêneros considerando não apenas aspectos composicionais e estilísticos, mas, sobretudo, os aspectos sociodiscursivos (processos de interação, como as finalidades, tipos de destinatários, suportes textuais, espaços de circulação...)

Porém para estimular o gosto pela leitura é necessário que o professor também goste de ler e para enfrentar os desafios encontrados e formar leitores é fundamental que o professor também seja um leitor, para Denise Guilherme (2013, p.3),

[...] faz-se necessário que não apenas os alunos sejam frequentadores dos espaços de leitura, como também os professores se convençam da necessidade de conhecer as obras que se dirigem ao público infantil e jovem para que possam, pouco a pouco, ampliar seus parâmetros de comparação, opinando sobre aquilo que leem e construindo seu próprio horizonte de expectativas sobre o qual poderão projetar cada nova obra descoberta.

Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil- 4ª edição publicada em 2016 pelo Ibope a pedido do Instituto Pró-livro, com uma amostra de 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, aponta que o brasileiro lê em média 4,96 livros por ano sendo 2,43 inteiros e 2,53 em partes, de acordo com a pesquisa 30% dos entrevistados nunca comprou um livro. Segundo a pesquisa apenas 28% gostam de ler no tempo livre e 85 % preferem ver televisão e 76% não tem o costume de frequentar bibliotecas, dos entrevistados 48% disseram que possuem dificuldades de leitura como falta de compreensão e leitura muito lenta.

Dos participantes da entrevista 21% tem alguma relação com a área de educação (é professor ou trabalha/trabalhou na área de educação), 84% foram considerados leitores e 16% não leitores, dos educadores entrevistados 50% não leu nenhum livro no ano da pesquisa (2015), 4% não lembram e 2% não souberam responder. Quanto à relação do professor com a leitura, 63% afirmaram que tinha gosto pela leitura, 31% gostam pouco e 6% não gostam e apenas 3% não possuíam livros em casa.

A pesquisa revela que uma grande porcentagem de professores não possuem hábito de leitura, porém, para que os alunos se sintam motivados para leitura é indispensável que o educador demonstre esse interesse, já que o professor é responsável pela elaboração, planejamento e desenvolvimento de atividades que promovam o hábito de leitura. Segundo Rubin e Jordão (2015), para o professor um dos problemas é a falta de tempo devido a jornada de trabalho que vai além das salas de aula, já que muitos educadores tem que fazer correções, preparar atividades, plano de aulas, planejamentos e alguns trabalham em dois turnos. Porém nunca é tarde para se formar leitores, o professor pode buscar formação continuada.

O fato é que o mestre é figura fundamental no processo de formação do leitor. É ele, afinal, o principal mediador de leitura da vida da criança. É quem apresenta aos alunos um repertório variados de texto, traz o que está na narrativa para o plano real, estabelecendo conexões entre a vida do personagem e leitor. (RUBIN; JORDÃO. 2015, p.46)

Os estudantes reconhecem a importância do professor, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 45% dos entrevistados disseram que o professor é que mais o influenciou a ler. Sendo assim de acordo com Rubin e Jordão (2015), é por meio do professor que ocorre a mudança do hábito de leitura porém é fundamental o apoio da gestão escolar, que tem papel de articular esforços e ações para transformar as práticas leitoras junto com os docentes possibilitando espaços e atividades que visam a formação do leitor.

Mesmo diante de tantos desafios não é impossível que o professor desperte o interesse pela leitura em seus estudantes, existem algumas

atividades que auxiliam no desenvolvimento do estudante leitor e que ajudam a enfrentar esses desafios encontrados, no próximo tópico serão citadas algumas atividades didáticas que colaboram para o hábito leitor.

1.3- Atividades didáticas que promovem o interesse pela leitura

Há algumas atividades didáticas que auxiliam no processo de despertar o interesse pela leitura, segundo Kriegl (2002), algumas situações de leitura são mais motivadoras que outras, uma atividade que sem duvidas, colabora para o interesse na leitura, é oferecer desafios.

Nesse capítulo serão listadas algumas atividades didáticas que promovem o interesse pela leitura e algumas estratégias didáticas que estimulam a formação do leitor.

É na sala de aula que os estudantes vão descobrir novos tipos e gêneros textuais. Segundo Meireles (2010) o professor deve desde a educação infantil estimular a leitura, fazer leituras, deixar que os alunos folheiem os livros, observar imagens e textos, perguntar opiniões, pois assim estará desenvolvendo o interesse pela leitura, os livros devem ter fácil acesso para que todos possam alcançá-los, como por exemplo, em um cantinho de leitura.

De acordo com Meireles (2010), no Ensino Fundamental - anos iniciais – os estudantes começam a desenvolver sua independência como leitores, e por isso a leitura feita em sala de aula é alternada entre educador e educandos, nessa fase as atividades que vão auxiliar na formação de estudantes leitores é transmissão de opiniões, troca de livros, incentivo à leitura de temas, tipos, e autores que gostem. Os erros mais comuns que ocorrem nos anos iniciais do Ensino Fundamental são:

- Transformar a leitura numa atividade entediante. Quando a literatura faz parte de uma tarefa burocrática e obrigatória, muitas crianças se afastam dela.
- Avaliar a leitura por meio de provas e resumos. Evite os questionários. Ampliar os debates sobre os textos ajuda a aumentar o envolvimento da turma.

- Ignorar os gostos de cada um. É nessa fase da escolarização que começam a se consolidar as preferências pessoais. E isso tem de ser respeitado e aproveitado. (MEIRELLES, Elisa. 2010, p. 53)

Nos anos finais do ensino fundamental é quando começam as análises de recursos linguísticos, detalhes das histórias, e características de textos literários, “do 6º ao 9º ano, ler sobre os livros é tão importante quanto ler os livros” (Meirelles, 2010, p.54). Assim o hábito de leitura deve ser trabalhado junto com a análise de textos, discutir com os colegas, discutir idéias são algumas atividades que auxiliam na construção de hábitos leitores.

De acordo com Bencini (2006), as atividades didáticas devem ser planejadas, e para que a leitura seja compreendida pelos alunos:

Antes da leitura, você precisa:

- Selecionar diferentes textos sobre o tema.
- Programar visitas à biblioteca com a turma.

Durante a leitura...

- Comente e relacione diferentes textos e linguagens.
- Leia com os alunos em voz alta.
- Ensine a relacionar o título, a capa e o índice com o conteúdo da obra
- Faça paradas estratégicas para explicar conceitos.

Depois da leitura...

- Peça resumos sobre o tema estudado.
- Proponha seminários e palestras. (BENCINI. 2006, p. 35)

Outras propostas didáticas para formar o estudante leitor, de acordo com os PCNs (idem, 1997):

- Leitura diária: podendo ser individual, coletiva ou feita por outra pessoa, silenciosa ou em voz alta. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, pg. 45), o professor deve tomar alguns cuidados:

- Toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentido dentro da atividade na qual se insere e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência — uma ou várias vezes;
- Nos casos em que há diferentes interpretações para um mesmo texto e faz-se necessário negociar o significado (validar interpretações), essa negociação precisa ser fruto da compreensão do grupo e produzir-se pela argumentação dos

alunos. Ao professor cabe orientar a discussão, posicionando-se apenas quando necessário;

➤ Ao propor atividades de leitura convém sempre explicitar os objetivos e preparar os alunos. É interessante, por exemplo, dar conhecimento do assunto previamente, fazer com que os alunos levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar certa suspense quando for o caso, etc.;

➤ É necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar. É completamente diferente ler em busca de significado — a leitura, de um modo geral — e ler em busca de inadequações e erros — a leitura para revisar. Esse é um procedimento especializado que deve ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos.

- **Leitura Colaborativa:** é feita com mediação do professor e os estudantes apresentam sua compreensão do texto, são feitos questionamentos pelo professor aos estudantes podendo ser antes, durante e/ou depois da leitura, buscando o entendimento crítico do texto.

- **Projetos de leitura:** levam um tempo maior que as outras atividades podendo ser dias ou meses, e tem como objetivo incentivar a leitura.

Os projetos são situações em que linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos. São situações linguisticamente significativas, em que faz sentido, por exemplo, ler para escrever, escrever para ler, ler para decorar, escrever para não esquecer, ler em voz alta em tom adequado. (BRASIL, 1997, pg. 46).

Assim, os projetos permitem aos professores o planejamento e adequação de atividades que melhor atendam as necessidades de seus educandos. Os projetos são uma ótima opção para trabalhar na escola, já que os alunos podem participar do processo de elaboração, despertando assim o interesse da criança.

O MEC (BRASIL. 2006) defende os projetos didáticos, pois possibilitam uma aprendizagem mais contextualizada possuem um objetivo a ser alcançado que é interesse de todos e promove uma articulação ao cotidiano do estudante,

[...]pode-se afirmar que o trabalho com projetos se constitui em uma possibilidade de reorganizar a própria prática escolar, rediscutir o currículo e articular o conhecimento científico formal às questões emergentes da própria sociedade. No nosso entender, os projetos são uma alternativa de superação de costumeiras seqüências de atividades desconectadas, muitas vezes, repetitivas e desprovidas de qualquer significado para os alunos; diferentemente disso, os projetos se configuram como uma possibilidade de organizar a atividade de ensino, considerando-se os interesses e a participação ativa dos alunos, bem como os conteúdos curriculares a serem tratados.(MEC, 2006. p.113)

- Atividades sequenciadas de leitura: são atividades didáticas que estimulam o gosto pela leitura e “para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura” PCNS (Língua Portuguesa, 1997, p. 46).
- Atividades permanentes de leitura: são atividades trabalhadas regularmente voltadas para a prática de leitura, aqui os estudantes vão escolher o que cada um vai ler de acordo com seu gosto, podendo ser qualquer gênero textual, pode ser semanal ou quinzenal.
- Leitura feita pelo professor: por exemplo, leituras longas e difíceis, feita por capítulos feita em voz alta pelo professor. De acordo com os PCNS (BRASIL, 1997, p. 47) tem grande importância, pois com ela o estudante pode:
 - Estimular o desejo de outras leituras;
 - Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
 - Permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escrevesse para ser lido;
 - Expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
 - Aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares — condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
 - Possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
 - Informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
 - Ensinar a estudar;
 - Possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
 - Favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
 - Favorecer a estabilização de formas ortográficas.
- Contações de histórias: Segundo Silveira (2008), as contações de histórias são ótimas ferramentas de trabalho para incentivar a leitura, pois ao contar uma história para as crianças estimula a imaginação, o estudante irá responder perguntas, criar novas idéias além das emoções que essa atividade

didática pode provocar como: raiva, tristeza, pavor, medo, alegria, angústia, entre outros.

Contar e ler histórias desenvolve o potencial crítico da criança, é possível também descobrir palavras novas, captar o ritmo do conto. Para isso, é fundamental que o educador crie um clima de envolvimento e de encanto, estimulando a curiosidade da criança pela história que será contada, dando pausas para criança imaginar o cenário, monstros, fadas, pensar nos personagens e no que imaginam que irá acontecer. O desempenho do contador relaciona o lúdico à aprendizagem.

A biblioteca é indispensável na formação do leitor, visto que nesse processo é importante que o estudante tenha acesso aos mais diversos livros e gêneros textuais, aqui o papel do professor será de mediar na escolha de leituras adequadas e como trabalhar de forma didática determinados livros e gêneros textuais, desenvolvendo o gosto pela leitura no estudante.

Os PCNs (BRASIL, 1997, p. 43) nos mostram que para formar estudantes leitores também é preciso condições no contexto escolar que favorecem a prática de leitura, além do uso de livros, sendo algumas dessas condições:

- Ter a disposição uma boa biblioteca, onde todos possam ter acesso.
- Possuir um acervo em sala de aula adequado a faixa etária dos estudantes, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.
- Momentos de leitura livre, onde os estudantes escolham o que mais interessa ler, nesse momento o professor deve ler também, é fundamental que o professor esteja envolvido com a leitura para despertar o interesse em seus alunos.
- Planejar atividades que garantam que as de leitura tenham igual importância.
- Possibilitar que os alunos escolham o que será lido, é fundamental que na escola também ocorra momentos em que o aluno leia algo de acordo com seu gosto pessoal.
- Garantir que durante a leitura, os estudantes não sejam incomodados.
- Possibilitar aos estudantes empréstimos de livros.
- Sugerir títulos, autores, gêneros aos estudantes, é interessante um cantinho de leitura com diversos livros diferentes.

- Construir na escola políticas de formação de leitores, com sugestões de toda a comunidade escolar.

Para que essas atividades alcancem os objetivos almejados pelo educador é imprescindível que sejam devidamente planejadas, onde serão destacados os temas e relações com outros temas, objetivos, estratégias e materiais que serão utilizados. De acordo com Língua Portuguesa e Didática (2010), com um bom planejamento e materiais didáticos adequados, pode-se esperar que os alunos:

- Sejam capazes de **dominar linguagens**, ou seja, compreender e interpretar o que foi dito e entender o que foi sugerido para ler e se sintam seguros ao fazer leituras, interpretações, e leituras de imagens como por exemplo, gráficos, ilustrações e desenhos.

- Sejam capazes de **compreender e interpretar a diversidade de linguagens e expressões**, podendo ser em textos escritos e orais e consigam fazer relações com outras aulas associando o conteúdo com a realidade.

- Sejam estimulados a **solucionar problemas**, tomando decisões acerca dos desafios propostos pelo professor.

- Saibam **construir argumentações** e sejam capazes de emitir e defender suas opiniões.

Para que essas atividades alcancem os objetivos almejados pelo educador é imprescindível que sejam devidamente planejadas, onde serão destacados os temas e relações com outros temas, objetivos, estratégias e materiais que serão utilizados.

Assim, segundo Bencini (2006), os projetos e atividades de leitura irão estimular a imaginação e a escuta atenta, e devem prever situações de leitura de voz alta pelo professor e estudantes, ter como foco textos literários, envolver linguagens diferentes tais como música, pinturas e cinemas, desafiar os estudantes estimulando preferências e formando leitores autônomos que sintam prazer pela leitura.

CAPÍTULO 2 – ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Nesse capítulo será descrito o percurso metodológico escolhido a fim de atingir os objetivos definidos. Etimologicamente, *métodos* significa o caminho para chegar a determinados fins, enquanto *logos* indica investigação, assim metodologia seria o meio de investigação para chegar a determinado fim. O tipo de pesquisa definido foi pesquisa qualitativa descritiva, que será definida ao longo do capítulo.

2.1- Definindo pesquisa qualitativa

Para analisar a contribuição do professor sobre a formação do estudante leitor a pesquisa será qualitativa que, segundo Gonsalves (2011) busca a compreensão, com interpretação dos fenômenos, assim, procura entender os fatos sociais inseridos em um contexto.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa responde a perguntas muito peculiares que não podem ser quantificadas, pois trabalha com assuntos que envolvem significados, crenças, valores e atitudes, no processo de pesquisa qualitativa há uma sequência de atividades, que envolvem levantamento e análise de dados que na presente pesquisa serão feitos por meio de pesquisa de campo.

2.2- Pesquisa descritiva

Considerando os objetivos a serem alcançados podemos definir a presente pesquisa como pesquisa qualitativa descritiva, que está dentro da abordagem qualitativa e procura descrever opiniões, atitudes e crenças de um grupo social.

Segundo Gonsalves (2011) as pesquisas descritivas têm o objetivo descrever características de determinado objeto de estudo. Dentro das pesquisas descritivas estão as que pretendem estudar características de um grupo, podendo ser sua distribuição por idade, sexo, nível de escolaridade e

renda, e também as pesquisas de nível educacional. Aqui, a pesquisa preocupa-se em apresentar as características do fato estudado.

2.3- Pesquisa de campo

Segundo os procedimentos de coleta para analisar a influencia do professor na formação do estudante leitor essa pesquisa é denominada pesquisa de campo que ‘busca a informação diretamente com a população pesquisada [...] o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu’ (GONSALVES, 2011, p. 69).

De acordo com Gonsalves (2011), as pesquisas descritivas utilizam muito esse procedimento para reunir as informações que serão documentadas na pesquisa.

Para Gil (2002),

[...] o estudo de campo procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa. (GIL, Antônio Carlos. 2002, p. 53)

No estudo de campo, o pesquisador tem uma experiência direta com a situação de estudo, a fim de compreender as regras, costumes e convenções que regem o grupo de acordo com os objetivos almejados.

2.4 – Grupo Focal

Segundo Borges e Santos (2005), o grupo focal é uma dentre as várias categorias de entrevistas grupais ou de grupos de discussão, a discussão é sobre determinado assunto, e recebem estímulos para o debate.

Para Trad (2009), o principal objetivo do grupo focal é reunir informações detalhadas de determinados tópicos, a partir de um grupo de participantes. A formação do grupo focal obedece a critérios organizados previamente pelo pesquisador, respondendo os objetivos da pesquisa, sendo necessário um ambiente que seja favorável à discussão.

Borges e Santos (2005) afirmam que o grupo focal se difere das entrevistas coletivas pela interação do pesquisador com os sujeitos. O grupo focal pode ser realizado com um roteiro para facilitar a obtenção de dados.

O roteiro de entrevista contém em suas questões os temas-chave a serem investigados. A sequência dos temas é normalmente ordenada, primeiramente, por questões gerais e, em seguida, por questões específicas. Tal ordenação permite que os elementos essenciais apareçam de forma mais natural. A preparação desse roteiro exige a análise cuidadosa dos objetivos da investigação. (Borges e Santos. 2005, p.76)

Para Borges e Santos (2005), a vantagem do grupo focal é que eles permitem aos pesquisadores a observação das interações entre os participantes, diminuindo a influência do pesquisador sobre o processo de coleta de dados. Aqui o moderador do grupo tem um processo de facilitador do processo de discussão.

2.5- Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos de pesquisa é o universo populacional que o observador privilegia, são pessoas que fazem parte do fenômeno a ser estudado, no processo de pesquisa social, há dois tipos de sujeitos: o investigador e o investigado que está inserido em um determinado contexto estudado pelo primeiro. (Gonsalves, 2011)

Durante as pesquisas de campo há interação entre os dois sujeitos, a partir dessa interação que os dados são produzidos, assim o sujeito investigado é o produtor de realidade e de conhecimento. (GONSALVES, 2011).

Na presente pesquisa os sujeitos investigados serão professores de escolas públicas e privadas do Distrito Federal que trabalham da educação infantil até os anos finais do ensino fundamental – 9º ano - e estudantes de uma turma do 4º ano do ensino fundamental, a turma escolhida possui 18 crianças sendo uma criança especial que é autista.

2.6- O espaço da pesquisa

O Distrito Federal possui 31 regiões administrativas (RAs), e na rede pública de ensino existem 667 escolas em suas 14 regionais de ensino, que contemplam desde a educação infantil ao ensino médio, incluindo educação especial, profissionalizante, escolas urbanas, rurais, Escolas Parques e CIL.

Segundo o *site* da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a Região Administrativa de Brasília possui 50 escolas, sendo 30 escolas classes que atendem os anos iniciais do ensino fundamental – 1º ao 5º ano.

A escola em que a pesquisa será realizada está localizada na Asa Norte de Brasília e atende nos dois turnos – matutino e vespertino – contemplando turmas do 1º ao 5º ano e ensino especial e foi escolhida por possuir projetos que envolvem a leitura e por receber o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID que de acordo com o *site* do MEC busca aperfeiçoar e valorizar a formação de professores inserindo estudantes no contexto de escolas públicas desde o início de sua formação acadêmica para desenvolver atividades didático-pedagógicas.

Para colher dados de professores o espaço de pesquisa serão grupos de redes sociais devido à facilidade de acesso e aumento de respostas do público alvo visto que todos podem acessar de qualquer lugar.

2.7- Definindo os instrumentos de pesquisa

A pesquisa se caracteriza pelo contato direto entre o pesquisador e a situação pesquisada. Este estudo implica no levantamento dos seguintes dados metodológicos: realização de questionários estruturados com professores da rede pública e privada do Distrito Federal e um grupo focal que é um instrumento de pesquisa qualitativa caracterizado pela interação entre um grupo de pessoas discutindo sobre um tema, e será realizado com 18 estudantes do 4º ano do ensino fundamental.

O grupo focal foi realizado com um roteiro que segundo Borges e Santos (2005), contêm os temas-chaves que serão investigados, essa ordenação permite que os elementos essenciais apareçam de forma mais natural, e sua preparação exige a análise cuidadosa dos objetivos da investigação.

Como forma de coleta de dados também foram utilizados questionários para colher informações dos professores, de acordo com Gil (2002) questionário é o conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado.

Segundo Gil (2008), em relação à forma de, podem ser divididos em questões abertas, fechadas e dependentes. Nas questões abertas os sujeitos oferecem suas próprias respostas, possibilitando ampla liberdade de respostas, já em perguntas fechadas os respondentes escolhem uma das opções disponíveis. Há também questões que são dependentes a outras. O questionário da presente pesquisa possui questões abertas e fechadas.

Para Gil (2002), a elaboração dos questionários traduz os objetivos da pesquisa e o pesquisador deve estar atento a algumas regras: devem ser usadas perguntas claras e objetivas e somente relacionadas ao tema; usar, de preferência, perguntas fechadas e com uma gama de alternativas; utilizar perguntas que remetem a uma única explicação e sem sugestões de respostas;

Após a coleta é feita a interpretação dos dados. A análise tem como objetivo organizar os dados de forma que respondam o problema proposto para investigação, a interpretação dá um sentido mais amplo das respostas, ligando a outros conhecimentos previamente obtidos. Assim, o próximo capítulo faz a leitura e interpretação dos dados que foram obtidos a partir da metodologia descrita no presente capítulo.

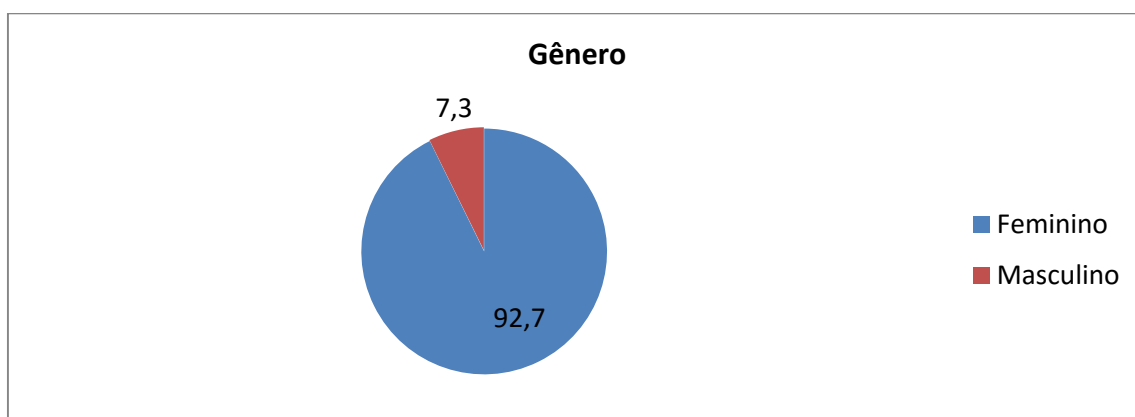
CAPÍTULO 3 – LEITURA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre a contribuição do professor na formação do estudante leitor e como objetivos específicos: verificar os desafios encontrados pelos professores para despertar o interesse da leitura nos estudantes; identificar atividades didáticas que promovam o interesse pela leitura; investigar o contexto escolar que promova o gosto pela leitura e identificar a prática de leitura dos professores e o exemplo que oferecem para seus estudantes.

Para atingir os objetivos almejados foi realizado um grupo focal com 17 estudantes (uma estudante não estava presente no dia da realização do grupo focal) de uma turma de 4º ano do ensino fundamental e questionários com professores da rede pública e privada do distrito federal que atuam na educação infantil e ensino fundamental – 1º ao 9º ano.

O questionário foi enviado a grupos de professores de uma rede social, por ser de mais fácil acesso visto que todos podem visualizar de qualquer lugar e foram obtidas 41 respostas. Dessas respostas obtidas, 92,7% dos respondentes são do gênero feminino e apenas 7,3% são do gênero masculino.

Gráfico 1 – Gênero

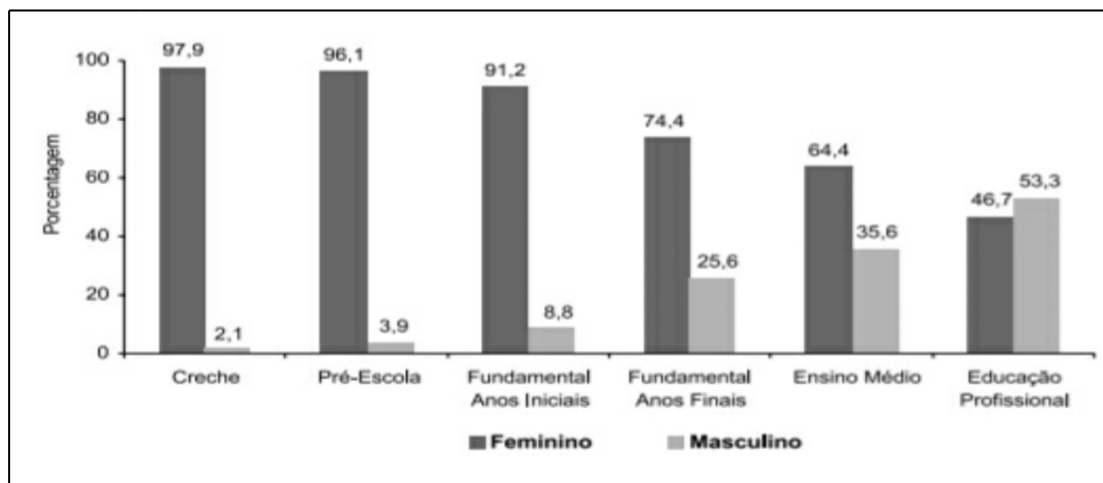


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Em nível nacional, segundo o estudo exploratório sobre o professor brasileiro de 2009, realizado pelo MEC, o perfil predominante de professores é do sexo feminino, principalmente em creches, educação infantil e anos iniciais

do ensino fundamental. Já nos anos finais e no ensino médio e principalmente a educação profissional o número de professores do sexo masculino aumenta.

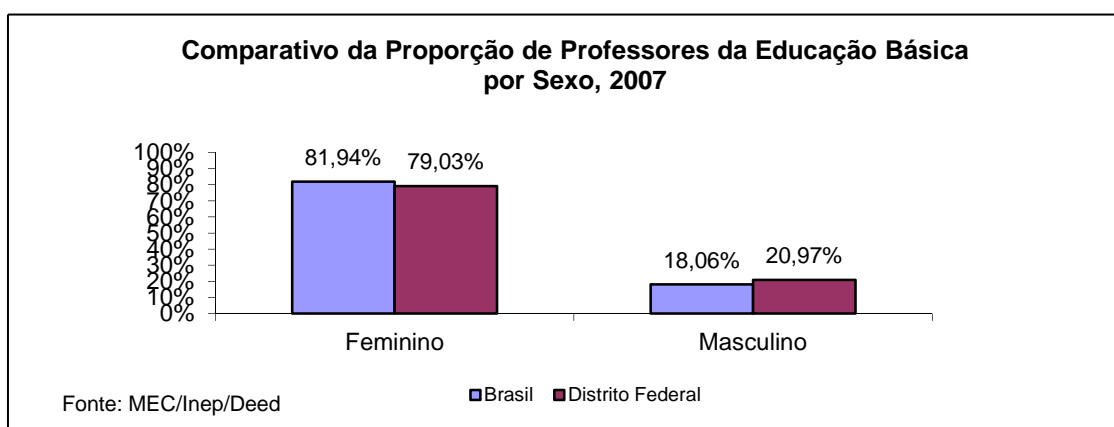
Grafico 2 – Professores das Etapas da Educação Básica segundo o Sexo - Brasil – 2007



Fonte: MEC/Inep/Deed

De acordo com o estudo, no Distrito Federal os professores da Educação Básica são predominantemente mulheres e chegam a 79,03% dos profissionais.

Gráfico 3 – Comparativo de Proporção de Professores da Educação Básica por sexo, 2007.



Fonte: MEC/Inep/Deed

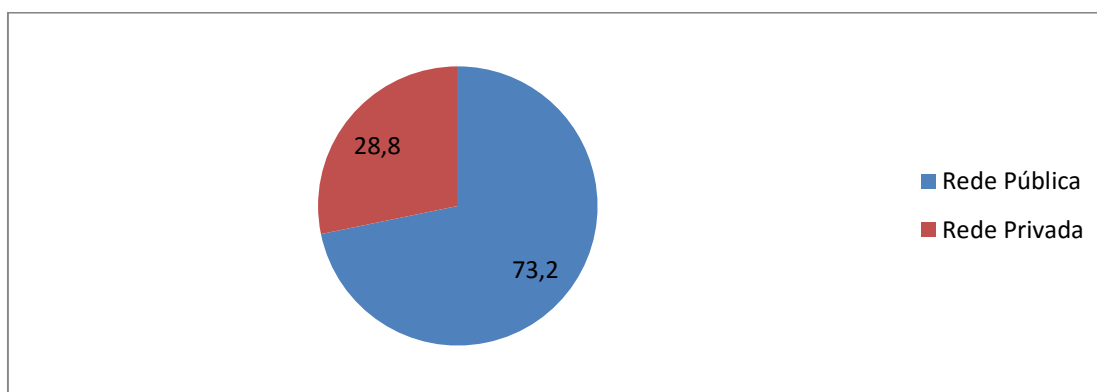
Segundo a entrevista da socióloga Magda Almeida Neves para a revista Todos pela Educação (2001) esse grande número de mulheres na docência é histórico e cultural, já que ser professora era como ser mãe, pois a sociedade esperava cuidado, delicadeza e atenção com os estudantes, o que favoreceu o

aumento de número de professoras principalmente na educação básica já que elas eram responsáveis pela educação dos filhos.

Para Gatti (2009) essa feminização da educação, ocorreu pela expansão dos cursos de formação para o magistério, “permeados pela representação do ofício docente como prorrogação das atividades maternas e pela naturalização da escolha feminina pela educação.” (GATTI. 2009, p.162), assim a carreira do magistério se expandiu com grande numero de mulheres, sendo reservado aos homens funções como direção e supervisão no sistema educativo enquanto às mulheres ficavam restritas às salas de aula.

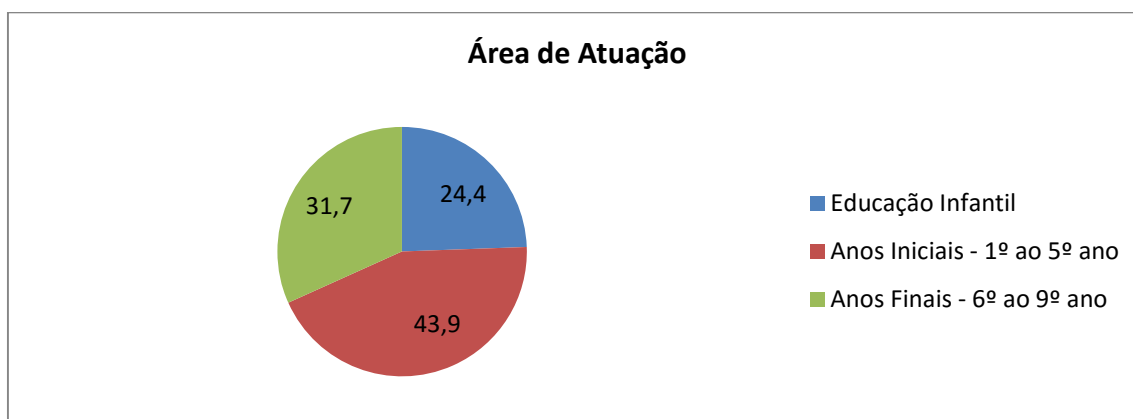
Dos respondentes da pesquisa 73,2% são professores da rede pública e 26,8% na rede privada.

Gráfico 4 – Professores que atuam na rede pública ou privada.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

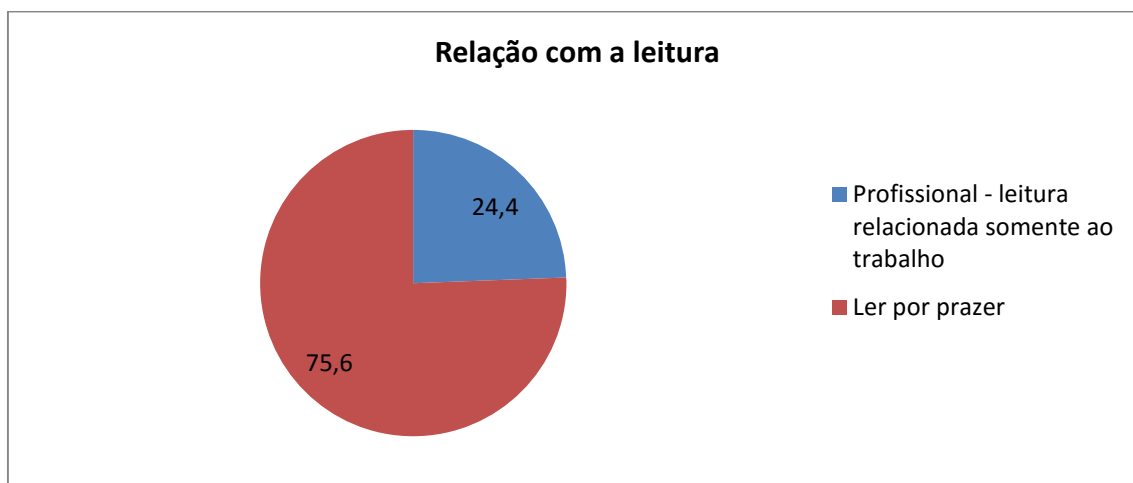
Desses sujeitos 24,4% atuam na educação infantil, 43,9% nos anos iniciais do ensino fundamental – 1º ao 5º ano – e 31,7% nos anos finais do ensino fundamental – 6º ao 9º ano.

Gráfico 5 – Área de atuação

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Como podemos ver a maior parte do grupo respondente é feminino. Do público masculino que respondeu ao questionário, nenhum atua na educação infantil e somente 1 (um) atua nos anos iniciais do ensino fundamental – 1º ao 5º ano, evidenciando a feminização da docência principalmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental citados por Gatti (2009) e pela socióloga Magda Almeida Neves.

Quanto à relação com a leitura e a quantidade de livros lidos por ano os dados foram:

Gráfico 6 – Relação com a leitura

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Gráfico 7 – Livros lidos por ano



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Assim, vemos que dos respondentes 75,6% lêem por prazer porém 65,8% lêem até cinco livros por ano, enquanto somente 34,2% fazem a leitura de seis ou mais livros por ano.

Segundo Rubin e Jordão (2015, p. 46) “Para ensinar a ler é preciso gostar de ler [...]”, pois quando o próprio professor não gosta de ler é grande a chance dos estudantes também não se interessarem pela leitura, criando um ciclo de desinteresse, que também pode ser visto na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do Instituto Pró-Livro, onde apenas 28% dos entrevistados lêem no tempo livre, das pessoas que tem alguma relação com a área de educação 505 não tinham lido um livro no ano da realização da pesquisa (2015), 4% não lembravam e 2% não souberam responder.

Se eu não gosto de ler, como vou desenvolver o gosto pela leitura em meus educandos? Para criar gosto pela leitura, o professor deve procurar meios para possuir boas práticas leitoras, visto que possui grande influência no estímulo do gosto pela leitura de seus educandos. “Embora o ideal seja iniciar o processo cedo, nunca é tarde para formar novos leitores. Nem mesmo quando já se é professor. [...] O fato é que o mestre é figura fundamental no processo de formação do leitor.” (RUBIN e JORDÃO. 2015, p.47.).

Segundo Meirelles (2010), o professor teve pouco acesso e estímulos para gostar de ler, por isso tem pouca familiaridade com o hábito de leitura e para mudar esse cenário não existe um caminho único, pode se iniciar com

textos simples e depois passar para os mais complexos, ou iniciar com temas mais próximos e partir para os mais distantes, alguns preferem desafios. Outro caminho é procurar grupos de leitores que podem ser parentes, professores da escola, amigos, pessoas que gostam de ler e compartilhar impressões sobre o que foi lido, buscar opiniões diferentes sobre o mesmo livro, trocar indicações. Para quem está iniciando, perceber relações entre o livro e outras linguagens é bastante atraente, como por exemplo, relacionar o livro com o filme, música ou peça.

Ainda de acordo com Meirelles (2010), a leitura deve se tornar cotidiana, porém não deve ter hora marcada e nem se limitar a novas obras, retomar a obras que o professor gostou é um meio eficaz de criar gosto pela leitura.

Dos estudantes do grupo focal, uma parte respondeu que não lia muito em casa, somente para fazer o dever de casa e preferiam brincar, assistir, desenhar, jogar bola e outros, podemos verificar na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil que apresenta o dado de que no tempo livre os sujeitos pesquisados preferem ouvir música, assistir televisão, usar a internet, ou acessar redes sociais enquanto a leitura foi citada poucas vezes.

De acordo com Rubin e Jordão (2015), o educador precisa ter gosto pela leitura já que é o exemplo para a criança e tem papel fundamental nesse processo de formação do estudante leitor, ele é mediador de leitura na vida da criança. Isso é reconhecido pelos estudantes do 4º ano que participaram do grupo focal, pois quando questionados sobre quem mais os incentiva a ler, a grande maioria respondeu que era sua professora, outro pequeno grupo respondeu que eram seus pais ou familiares (como irmã (ão), tia e avó).

Os professores que responderam o estudo também reconhecem sua importância na formação do leitor, pois na questão “o que influencia na formação de estudantes leitores?” dos 41 respondentes, 21 falam do professor e o exemplo que é para seus estudantes, as outras respostas foram o gosto pela leitura, pais, contato com pessoas que gostam de ler, a didática, que entra novamente o professor que planeja como a leitura será apresentada e trabalhada em sala de aula e bons livros que sejam adequados à faixa etária dos estudantes.

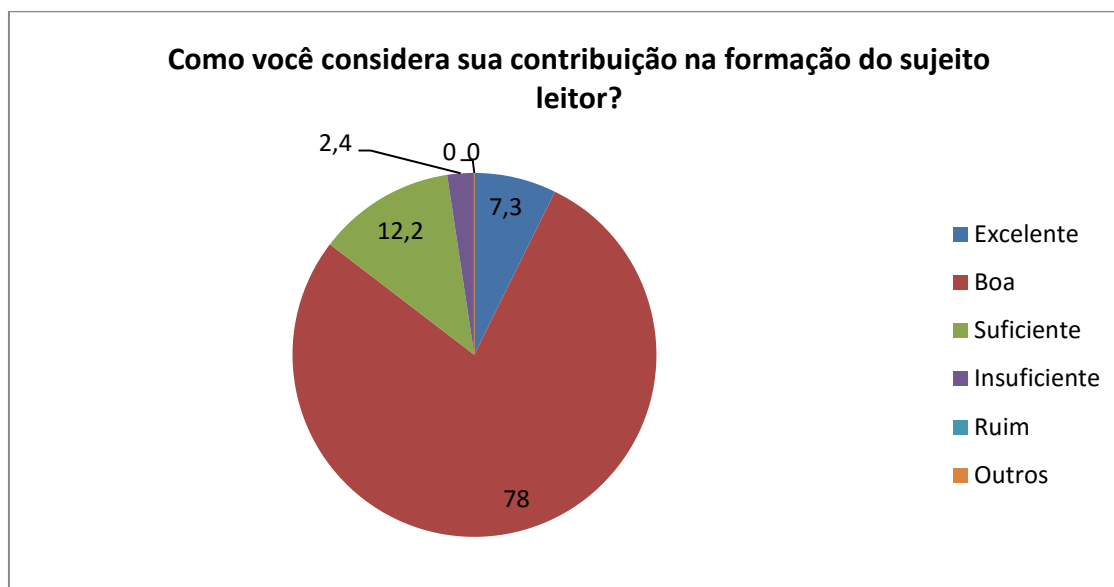
O professor é mediador e formador de leitores, deve criar estratégias e orientar seus alunos quando encontrarem alguma dificuldade de leitura, mediando à aquisição do gosto pela leitura, desenvolvendo as suas competências leitoras, por isso é imprescindível o contato com bons livros.

Para Kriegl (2002), a motivação está ligada com as relações afetivas positivas que os estudantes têm com seu professor, que possui o papel de estimular, ajudar e passar confiança aos educandos que aos poucos vão criando o gosto pela leitura.

[...] é necessário insistir novamente que essa vinculação positiva se estabelece principalmente quando o aluno vê que seus professores e, em geral, as pessoas importantes para ele valorizam, usam e desfrutam da leitura e da escrita e, naturalmente, quando ele mesmo pode desfrutar com sua aprendizagem e domínio. (KRIEGL. 2002, p. 5)

Na pergunta “como você considera sua contribuição na formação do sujeito leitor?”, 7,3% dos professores consideram excelente, 78% boa, 12,2% suficiente e 2,4% insuficiente.

Gráfico 8 – Como você considera sua contribuição na formação do sujeito leitor?



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

De acordo com os dados podemos ver certa contradição com essa consideração dos professores quanto à sua contribuição do sujeito leitor, pois

85,3% responderam excelente ou boa, e quando questionados sobre como percebem o interesse dos estudantes em relação à leitura 39,02% dos 41 respondentes disseram que não percebem nenhum interesse pela leitura por parte dos seus estudantes.

Podemos ver o reflexo desse desinteresse dos estudantes pela leitura quando vemos os dados de provas em larga escala (Prova Brasil e Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) , por exemplo, que inclusive foi citada por um dos sujeitos respondentes ao afirmar que em relação à leitura o foco da escola é somente a interpretação de textos para a realização da Prova Brasil quando questionado “como a escola está organizada para desenvolver o gosto pela leitura?”.

Quando vemos os dados de provas em larga escala (Prova Brasil e Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) os dados mostram que as escolas não estão atingindo as metas ou diminuíram suas notas em Língua Portuguesa. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) indica a qualidade da educação com base nos dados da Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) que são avaliações realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC).

Em língua portuguesa a Prova Brasil avalia se o estudante: reconhece as letras e sílabas; estabelece relações entre som e escrita; identifica diferentes tipos de letras; possui habilidade de leitura de palavras e frases; localiza a informação dos textos em diferentes gêneros; reconhece o assunto e finalidade de determinados textos e estabelece relação entre as partes do texto.

O Saeb avalia os procedimentos de leitura, se o estudante localiza informações, infere sentidos ou informações ao texto, identifica temas e distingue fatos de opiniões, relaciona, interpreta e identifica finalidades de textos de gêneros variados, identifica relações de recursos expressivos e efeitos de sentido e possui coerência e coesão no processamento do texto.

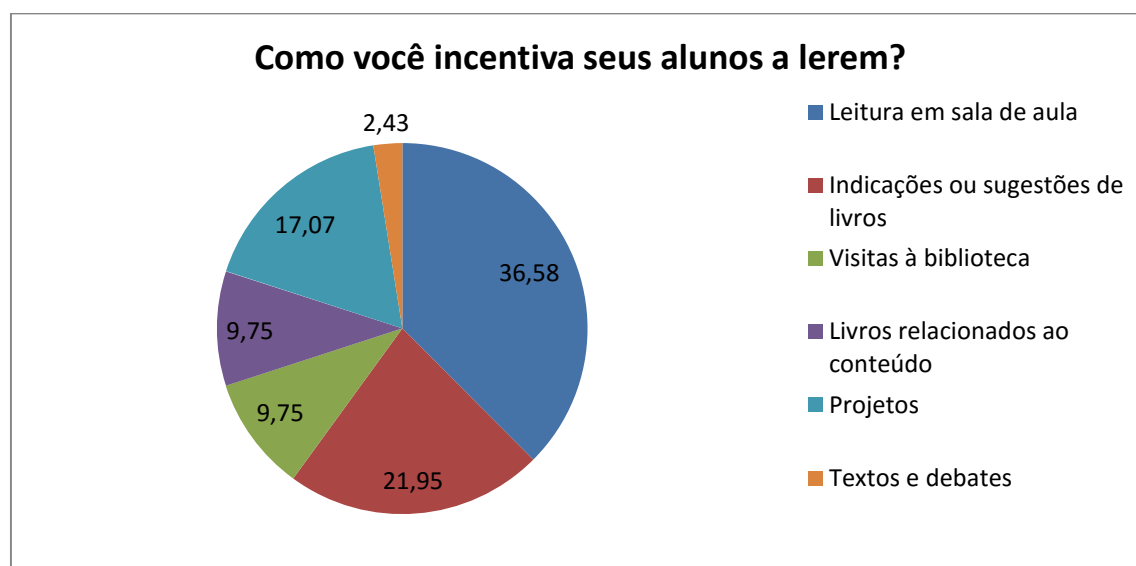
As metas do Ideb buscam a qualidade da educacional em termos de rendimento e proficiência e seus dados mostram, segundo o senso escolar de

2015 que do total de escolas do Brasil incluindo a rede estadual, municipal, privada e pública nos anos iniciais do ensino fundamental as metas foram atingidas nas redes estaduais, municipais e pública, já nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio nenhuma meta foi atingida tanto pela rede pública, municipal e estadual quando da rede privada de acordo com Saeb e Senso escolar.

Com os dados do Ideb podemos ver que as escolas não estão formando leitores, com capacidades para ler, interpretar e ser capaz de opinar sobre o texto, tirar informações que são explícitas de determinados texto para que consigam compreender a ideia do autor. Assim, é preciso o trabalho cotidiano com a leitura para que os estudantes se tornem leitores capazes de compreender o sentido do texto, e o professor deve fazer esse incentivo para que a leitura se torne um hábito.

Quando questionados sobre “como você incentiva seus alunos a lerem?”, as respostas foram as seguintes:

Gráfico 9 – Como você incentiva seus alunos a lerem?



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Já os estudantes da pesquisa afirmaram que a professora sempre faz uma leitura em sala de aula, e todos os dias conforme vão terminando as atividades eles vão ao cantinho de leitura da sala de aula, que “É uma caixa

cheiona de livros” e escolhem algo para ler até a próxima atividade ou o fim da aula, há também um projeto de “*Uma sacolinha com um menino e uma menina com um monte de livros empilhados*” onde a cada semana uma criança leva uma sacola com livros para casa, escolhe um e deve apresentar à turma contando a história, mudando o final, fazendo um desenho ou contando a parte que mais gostou.

Esse trabalho da leitura feita em sala de aula propicia a formação do sujeito leitor, de acordo com os PCNs (1997) essa prática pode entre outras: estimular o interesse pela leitura, inserir a criança na cultura letrada, estimular a imaginação, compreender a relação entre fala e escrita, favorecer a aquisição de velocidade na leitura. Porém para que seja uma atividade eficaz não deve ser realizada somente porque o estudante terminou as atividades e não tem outra atividade no momento, as atividades de leitura devem ser planejadas e contextualizadas, tornando a leitura mais motivadora.

A escola deve permitir o acesso a livros, ao professor cabe comentar sobre enredos, buscar textos, conhecer mais sobre o tema e trocar sempre indicações literárias com seus estudantes, ler para a turma é imprescindível e comentar com eles sobre a obra favorece o desenvolvimento dos chamados “comportamento leitor”, segundo Meirelles (2010). Quando vêem alguém ler, ou contar uma história para eles, começam a se interessar pela leitura, porém essa leitura pode ser feita ora pelo professor ora pelos estudantes para que criem autonomia como leitor.

Meirelles (2010) ressalta que para não tornar a leitura entediante é necessário levar em conta o gosto pessoal de cada um, os estudantes do grupo focal ao falarem sobre o gosto pessoal citaram gibis, livros de super heróis, magia, aventura, sobre corpo humano, animais e ação, que podem ser contextualizados em sala de aula e trabalhar gêneros variados.

Para Bencini (2006), a leitura pelo professor é uma boa estratégia didática e deve haver discussão do texto antes, durante e depois da leitura. No primeiro momento deve ocorrer a discussão do tema, durante a leitura é fundamental comentários e relações entre diferentes textos, ler junto com eles, relacionar elementos como: título, capa, índice e conteúdo da obra, e explicar

conceitos desconhecidos, por fim fazer debates, resumos sobre o tema estudado.

Quanto aos projetos, bastante citados pelos professores, são meios bastante eficazes para formar o leitor permitindo trabalhar o tempo de duração de forma flexível, podendo durar semanas, um mês, bimestre ou o ano letivo e, no término do projeto há um produto final que será compartilhado entre os alunos da turma.

Cabe ao professor planejar atividades e projetos que objetivem a leitura por prazer, devendo: estimular a imaginação, desenvolver a escuta atenta, envolver imagens, música e pintura, ter como foco textos literários que podem ser lidos em voz alta ora pelo professor, ora pelo estudante – estimulando a autonomia - e em caso de leituras maiores realizar a leitura em partes, por capítulos, por exemplo, segundo Bencini (2006).

Para formar leitores, a leitura tem de se tornar rotina em sala de aula, os PCNs (BRASIL, 1997) trazem algumas atividades e estratégias que favorecem o processo de formação do estudante leitor como:

- **Leitura diária:** que pode ser individual ou coletiva, silenciosa ou em voz alta, feita em partes quando for uma leitura maior ou feita por completo, pelo professor, estudantes ou ambos. Quando a leitura for feita em voz alta os PCNs (1997) recomendam que a leitura seja feita anteriormente pelos estudantes de forma individual e silenciosa, para que tenha sentido para a criança, durante o processo o professor será mediador, fazendo a orientação quanto à interpretação do texto, posicionando-se somente quando necessário deixando que os estudantes construam o significado; ao propor atividades especificar objetivos para os estudantes, mencionando o assunto anteriormente para que levanten suas suposições sobre o tema e ofereçam informações sobre a leitura que será feita.

Também apresentar as diferentes modalidades de leitura, como ler para se divertir, para escrever, estudar, descobrir o que deve ser feito, buscando intenção do escritor e ler para revisar.

- **Leitura colaborativa:** o educador faz a leitura do texto e durante a leitura questiona os estudantes sobre questões importantes para atribuir determinados

significados, os PCNs (1997) considera essa a leitura colaborativa como “[...] uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores.” (BRASIL. 1997, p. 61)

- Os projetos de leitura, já citados anteriormente, possuem uma duração flexível e relacionam linguagem oral, escrita, leitura e produção de textos de forma contextualizada, envolvendo atividades que relacionam diferentes conteúdos.

Os professores respondentes dos questionários da pesquisa citaram projetos como: o diário de bordo onde o *“aluno leva o livro para casa e após a leitura faz o registro, desenha e até cola fotos do momento da leitura com alguém da família”* outros projetos citados foram *“os alunos levam um livro para casa por semana, na volta fazemos roda de conversa onde cada um pode contar um pouquinho sobre o livro, se desejar!”*; projetos literários semanais, de interdisciplinaridade, livros emprestados pela biblioteca e depois que fazem a leitura apresentam aos colegas e *“O projeto literário envolve toda a escola, cada turma possui um dia e um horário específico. E isso ocorre durante todo o ano.”*

- Atividades sequenciadas de leitura: que desenvolve a formação do gosto pessoal, critérios para escolher um livro ou texto a ser lido, e pesquisa da obra a ser estudada.

- Atividades permanentes de leitura: são voltadas para atitudes positivas à leitura, os alunos escolhem o que vão ler, podendo ser semanal ou quinzenal, um exemplo é a roda de conversa citada por um dos sujeitos respondentes onde cada estudante expõe suas impressões acerca da leitura feita.

- Leitura feita pelo professor: outra estratégia citada pelos PCNs (1997) para estimular o gosto pela leitura.

Por meio dessas estratégias, o professor estimula o gosto pela leitura em seus educandos, tornando-os sujeitos leitores.

Sobre os desafios encontrados na formação do estudante leitor foram citados: desinteresse (11 respostas), falta de incentivo em casa (nove respostas), falta de recursos e acesso a bons livros (sete respostas), a falta de hábito (cinco respostas), o uso exagerado de tecnologias (quatro respostas) e

ausência de boa alfabetização (duas respostas), também foi citado a forma como o livro é cobrado em sala de aula.

Se 85,3 % dos professores respondentes consideram sua contribuição na formação do sujeito leitor, boa ou excelente, por que as escolas formam tão poucos leitores e o desinteresse e a falta de hábito são tão citados?

O grande motivo para esse cenário é a forma como o livro é trabalhado em sala de aula, pois quando a literatura faz parte de uma tarefa obrigatória com questionários como meio de avaliação e quando é ignorado o gosto de cada estudante faz com que ele se afaste da leitura, segundo Meirelles (2010).

Cabe ao educador instigar o gosto e a curiosidade pela leitura planejando e selecionando livros, lendo junto com os estudantes, compartilhando a leitura e não fazendo cobranças de livros em provas e sim fazendo resumos, grifando partes importantes, fazendo comparações e debates, despertando assim, o interesse e tornando-o um leitor autônomo, de acordo com Bencini (2006).

Os PCNs (BRASIL. 1997) trazem alguns meios para que o professor realize a avaliação dos estudantes de forma que não percam o interesse pela leitura, no primeiro ciclo:

- Narrar histórias conhecidas e relatos de acontecimentos, mantendo o encadeamento dos fatos e sua sequência cronológica, ainda que com ajuda [...]
- Demonstrar compreensão do sentido global de textos lidos em voz alta [...]
- Ler de forma independente textos cujos conteúdos e forma são familiares [...]
- Escrever utilizando escrita alfabética, demonstrando preocupação com a segmentação do texto em palavras e em frases e com a convenção ortográfica. (BRASIL. 1997, p. 119)

No segundo ciclo as avaliações propostas pelos PCNs (BRASIL. 1997), são: narrações de histórias que já conhecem e relatos de acontecimentos, mantendo a ordem dos fatos e sua sequência cronológica de maneira autônoma; compreensão de textos por meio de resumos de idéias; observar se

o estudante se limita a decodificação e utiliza aspectos fundamentais à compreensão do texto; utiliza a leitura para estudar, revisar e escrever; escreve textos com regularidades ortográficas e considerando o gênero e o leitor; revisa os próprios textos.

Um dos desafios citados é a alfabetização, que alguns respondentes disseram no questionário que algumas crianças não tiveram uma boa alfabetização e ficam com muita dificuldade na hora de ler um livro, para Jordão e Rubin (2015, p.50), o grande desafio é,

Desenvolver e consolidar a fluência da língua e a compreensão leitora [...] ao mesmo tempo, seguir estimulando a participação ativa na cultura letrada numa hora em que já é possível dar autonomia para esse pequeno leitor. (JORDÃO e RUBIN. 2015, P.50)

Mas se não compreendo o que estou lendo – leitura mecânica, somente decodificação de palavras -, como vou gostar de ler?

De acordo com os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016), umas das razões para que os sujeitos não tivessem lido mais era que encontravam dificuldades durante a leitura, quando questionados sobre a dificuldade que encontravam para ler, 20% disseram que liam muito devagar e 8% não compreendiam a maior parte do lê.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), a alfabetização vai além da memorização e para aprender a ler e a escrever, é preciso a construção de um conhecimento conceitual: abranger não somente o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa, buscando estratégias para que os estudantes tenham compreensão ativa do que estão lendo e não a decodificação.

Os PCNs (BRASIL. 1997), ainda nos dizem que o ensino do sistema alfabético de escrita e a ortografia precisam de uma revisão de metodologia havendo necessidade de repensar as praticas e teorias, que para muitos professores, parecem ser as únicas possíveis.

A aquisição da escrita alfabética não garante a compreensão e produção de textos em linguagem escrita, exigindo um trabalho pedagógico sistemático,

nesse processo o professor deve procurar estratégias para auxiliá-lo como considerar os erros cometidos pelos estudantes para guiar sua prática, tornando-a mais eficaz, de acordo com os PCNs (BRASIL. 1997).

Assim, o professor tem o papel de incentivar a leitura por meio de indicações de livros, levar os estudantes à biblioteca, propiciar a criança momentos em que ela possa descobrir o que gosta de ler, ensinar a gramática e, ao mesmo tempo trabalhar vários tipos de texto, gêneros, e autores.

Para Rubin e Jordão (2015), para trabalhar a fluência, a compreensão e estimular o interesse pela leitura é indispensável o ensino onde aprenda gramática e ao mesmo tempo utilizem vários títulos, autores, gêneros, ou seja, texto literários, que contribuem para a alfabetização, com sílabas bem marcadas, alguns podendo ser até mais complexos.

Para Freire (1989), a compreensão da importância do hábito de ler se constitui com a prática, assim os pais também possuem papel fundamental na formação do leitor, pois é por meio dela que o estudante terá o primeiro estímulo e incentivo à leitura.

O arte-educador Mauricio Leite, criador do Projeto Mala de Leitura (que leva livros para crianças de aldeias distantes), deu algumas dicas para a Vidigal (2008) sobre como os pais podem e devem em casa se esforçar para que seus filhos criem gosto pela leitura e não somente deixar essa responsabilidade para professores, as dicas são: ler sempre para as crianças; dar o exemplo de leitor; respeitar os gostos literários da criança e ter sempre um livro à mão.

Quanto às tecnologias, Barcellos (2005) nos diz que o professor precisa se inserir nesse contexto tecnológico e relacioná-las à aula considerando que as mídias quando trabalhadas em sala de aula de forma planejada e contextualizada trazem um impacto positivo, motivando e estimulando as crianças.

É preciso que os professores modifiquem suas atitudes diante dos meios de comunicação, mas não apenas vendo esses meios como recursos didáticos, as mídias e multimídias fazem parte do conjunto de mediações culturais que caracterizam o

ensino. A função do professor, principalmente de língua materna, é auxiliar o educando a tornar-se leitor autônomo e um produtor competente de textos. (BARCELLOS. 2005, p. 3)

Dessa maneira, quando utilizadas como aliadas no processo de ensino aprendizagem, as tecnologias possibilitam ao educando uma visão crítica e capacidade de relacionar informação em conhecimento transformando a informação recebida em conhecimento.

Para Kriegl (2002), uma pessoa desenvolve o gosto pela leitura se tiver experiências boas com livros, e a televisão não é um obstáculo à leitura, pois não ocupa o lugar do livro, podendo até chamar atenção por determinados temas ou títulos, assim o papel do professor é promover experiências positivas com livros para que os estudantes possam se sentir mais motivadas à leitura.

Para Jordão e Rubin (2015), a escola tem que oferecer possibilidades positivas de contato com a leitura e, para muitos alunos será o ambiente onde terão o primeiro contato com livros, porém um problema a ser enfrentado é a falta de materiais adequados para o trabalho com a leitura, o que acaba fazendo com que os estudantes percam a identidade leitora por não terem acesso a bons livros, algumas escolas ainda não tem um espaço disponibilizado para a biblioteca.

A biblioteca escola tem papel estratégico na formação do leitor, pois apresenta aos estudantes contato com o livro, porém muitas escolas não possuem uma biblioteca ou sala de leitura. Na pergunta “como é seu planejamento em relação ao uso da biblioteca?” alguns sujeitos responderam que na escola em que trabalham não possuem bibliotecas, não tem monitor e por isso não se pode fazer o uso ou *“foi substituída por sala de aula pra atender a demanda.”*

Para Avancini (2016), a biblioteca é importante porque apresenta possibilidades de encontro com livros, todavia as maiores das escolas brasileiras não possuem biblioteca.

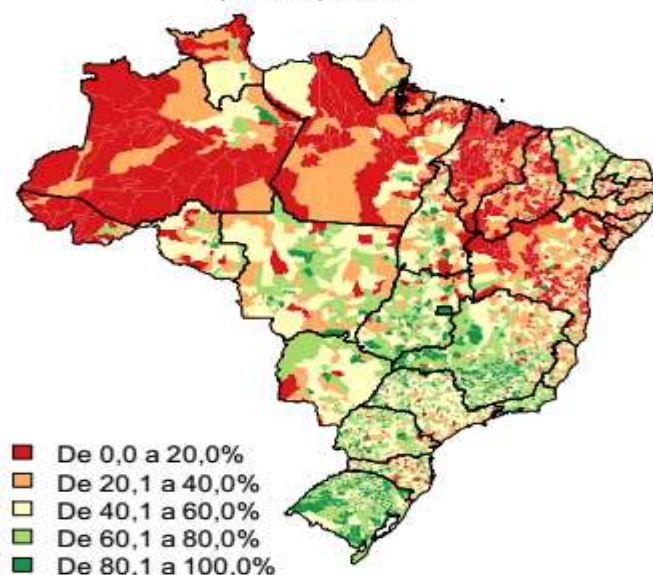
A Lei Nacional 12.244 de 24 de maio de 2010 determina que toda escola pública e privada tenha uma biblioteca e o acervo de livro deve ser de pelo menos um título por aluno matriculado tendo um prazo de 10 anos para a

universalização das bibliotecas, porém como mostram os dados do senso e da presente pesquisa podemos ver que muitas escolas não possuem biblioteca, espaço suficiente e/ou monitores responsáveis (nove respostas ou 21,95%).

Segundo dados do Senso Escolar de 2016 apenas 50,5 % das 168,1 mil escolas de educação básica possuem biblioteca e/ou sala de leitura sendo 53,7% de escolas do ensino fundamental e 88,3% do ensino médio.

Mapa 1 – Percentual de escolas de educação básica com biblioteca e/ou sala de leitura por município – 2016.

Mapa 1. Percentual de escolas de educação básica com biblioteca e/ou sala de leitura por município - 2016



Fonte: Senso escolar 2016 / INEP

Segundo Avancini (2016), existe uma relação entre pouca presença de bibliotecas e baixos índices socioeconômicos, os estados mais pobres possuem menos bibliotecas em sua rede de ensino, como por exemplo, o Acre e Maranhão que são alguns dos que possuem menos bibliotecas (7% e 8% das escolas, respectivamente).

Para os PCNs (BRASIL. 1997), dispor de uma boa biblioteca na escola, com acervos e materiais de leitura, possibilitando o empréstimo de livros que tenham bons textos são propostas didáticas que favorecem a formação de leitores.

O quadro abaixo mostra dados do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) que distribui obras para escolas a fim de formar leitores e já distribuiu 26,8 milhões de volumes até 2014.

Quadro 1 – Alcances de investimentos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)

Alcances e investimentos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)						
Ano de aquisição	Segmento de Ensino	Acervos distribuídos	Escolas beneficiadas	Alunos atendidos	Livros distribuídos	Investimento total R\$
PNBE 2014	Educação Infantil Creche	168.366	32.820	1.731.572	4.209.150	17.730.630,46
	Educação Infantil Pré-Escola	325.144	79.949	3.645.572	7.966.028	32.807.029,60
	Fundamental do 1º ao 5º ano	226.252	104.745	13.226.845	5.599.737	31.616.454,48
	Educação de Jovens e Adultos – EJA	64.764	36.006	3.589.440	1.619.100	10.208.749,32
PNBE 2013	Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	50.556	86.794	12.339.656	5.207.647	56.677.338,63
	Ensino Médio	19.144	36.981	8.780.436	2.218.884	29.704.045,58

Fonte: FNDE/MEC

Fonte: Quadro da revista Educação/FNDE/MEC

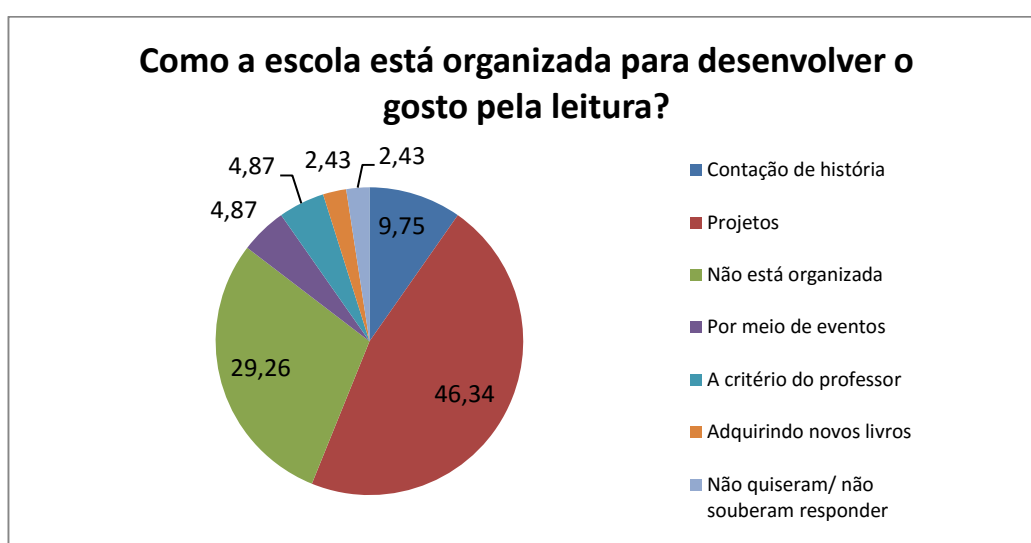
Foi distribuída uma grande quantidade de livros pelo programa, porém não é suficiente para atender todas as escolas, existem ainda muitas escolas que não possuem acervo suficiente e nem uma biblioteca disponível para uso dos estudantes.

Porém, apesar da obrigatoriedade e do PNBE muitas escolas não possuem bibliotecas e as que possuem alguns professores não usam ou não tem planejamento quanto ao seu uso (nove respostas ou 21,95%), as crianças do grupo focal disseram que na escola possui biblioteca, mas quase não a frequentam e que no momento esta sem a bibliotecária e por isso fica trancada. Os outros sujeitos da pesquisa responderam que fazem visitas semanais (15 respostas ou 36,58%), mensal ou bimestral (cinco respostas ou 12,19%) e eventual (três respostas ou 7, 31%).

Para Avancini (2016), a biblioteca deve ser um ambiente acolhedor e não o local onde são enviados alunos com comportamentos inadequados, como forma de punição. As atividades na biblioteca quando realizadas de forma planejadas e de modo que estimulem a curiosidade dos alunos para que criem o hábito de frequentá-la.

Quando questionados sobre “Como a escola está organizada para desenvolver o gosto pela leitura? As respostas foram:

Gráfico 10 – Como a escola está organizada para desenvolver o gosto pela leitura?



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Para Rubin e Jordão (2015), para formar leitores é preciso uma cultura leitora, e a gestão escolar tem papel essencial nesse momento cabendo a ela articular esforços para modificar as praticas escolares e buscar meios para constituir ou ampliar acervos, organizar o espaço da escola que deve ser apropriado, com bons e diversificados livros, a gestão também deve conhecer o que caracteriza um ambiente leitor e mediador de leitura, facilitando o acesso a essas obras, inserindo atividades de leitura na rotina escolar, incentivar educadores a buscar novas estratégias, ampliando a prática de leitura em sala de aula para todo o espaço escolar. A escola deve oferecer contatos positivos com a leitura, para o leitor se tornar autônomo, crítico e empenhado.

“[...] os estudantes têm de gostar de ler. E isso só se faz de uma maneira: lendo, lendo, lendo.” (MEIRELLES. 2010. P.49). Assim, para que tenhamos uma geração de leitores a escola deve dar acesso a obras, ter um espaço adequado para leitura, com bons projetos visando a formação do leitor e o professor deve gostar de ler e estar sempre promovendo atividades – bem planejadas - que estimulem esse gosto pela leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre a contribuição do professor na formação do estudante leitor e como objetivos específicos verificar os desafios encontrados pelos professores para despertar o interesse da leitura nos estudantes; identificar atividades didáticas que promovam o interesse pela leitura; analisar o contexto escolar que promova o gosto pela leitura e identificar a prática de leitura dos professores e o exemplo que oferecem para seus estudantes.

Para atingir aos objetivos, a metodologia foi qualitativa, descritiva, de campo com estudo de caso e os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: questionário para professores da educação básica da rede pública e privada do Distrito Federal e um grupo focal com estudantes de uma turma do 4º ano do ensino fundamental.

Os resultados obtidos nos mostram que a leitura ainda precisa ganhar espaço nas escolas, já que facilita o processo de ensino aprendizagem. Alguns professores afirmaram que nas escolas em que trabalham há atividades planejadas e contextualizadas que visam à formação do estudante leitor, porém outros afirmaram ainda que, não planejam e nem buscam estratégias que estimule o gosto pela leitura e algumas escolas não possuem bibliotecas, projetos ou atividades voltadas à leitura.

Ao professor cabe o papel de mediação e incentivo da leitura, assim é preciso mais conscientização por parte dos educadores e da escola que muitas vezes não possuem trabalhos relacionados à leitura ou não se preocupam em buscar atividades que facilitem a formação do estudante leitor.

Para Jordão e Rubin (2015, p.46) “Para ensinar a ler é preciso gostar de ler.”, quando o educador gosta de ler são maiores as chances dos seus educandos se interessarem pelo tema. Assim, o educador deve estar sempre buscando estratégias que visam o gosto pela leitura, nessa pesquisa foram apresentadas algumas atividades que auxiliam o professor no processo de formação do estudante leitor.

Os professores precisam demonstrar interesse e entusiasmo pela leitura e em relação ao uso de livros e às atividades que buscam estimular o estudante para assim, manter o interesse dos seus educandos em relação à leitura.

Alguns estudantes do grupo focal demonstraram interesse pela leitura, outros a vêem como obrigação, mostrando a necessidade da escola fazer uma aproximação do seu trabalho com a leitura, motivando e estimulando os estudantes. Sendo necessário o exemplo do professor em sala de aula, visto que, muitas famílias não têm o hábito de ler, cabendo ao professor o papel de mediador e à escola incentivar e planejar projetos que envolvam a leitura e ter uma biblioteca disponível, para alunos e professores.

Em relação à biblioteca, alguns professores afirmaram que fazem o uso freqüente e fazem algum trabalho com os livros da biblioteca, outros citaram o fato da escola não possuir biblioteca e/ou monitor ou tem esse espaço, porém não fazem seu uso, já os estudantes confirmaram que na escola há biblioteca mesmo não sendo usada frequentemente por estar sem monitor. Podemos ver, uma necessidade de maior conscientização da importância em ter esse espaço, pela escola e professores, pois é por meio da biblioteca que a criança terá acesso a uma maior gama de livros, desenvolvendo o gosto pela leitura.

O professor e a escola devem oferecer à criança momentos prazerosos de leitura, disponibilizar livros interessantes e que também atenda aos gostos pessoais, os livros devem ter um bom conteúdo e ser adequado de acordo com a faixa etária de cada turma.

Com os dados apresentados, podemos refletir na importância do trabalho com a leitura em sala de aula e como quando é bem planejada pode ter forte contribuição na formação dos estudantes que criam o hábito de ler e se envolvem pela leitura.

Assim, a importância dessa pesquisa se dá ao fato da necessidade de reflexão por parte de professores e gestores de escolas quanto à formação de estudantes leitores, uma vez que os resultados nos mostram que ainda existem poucos estudantes que gostam de ler, visto que, muitas vezes não são incentivados para o exercício da leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Língua portuguesa e didática**. Coleção como bem ensinar. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

AVANCINI, Marta. **Símbolo difícil de emplacar**. Revista Educação. Ano 20 – nº 230. 2016

BARCELLOS, Ana Carolina Kastein. **A questão da leitura diante das novas tecnologias e os meios de comunicação em massa**. 15º Congresso de Leitura do Brasil. Julho de 2005. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/BarcellosAnaCarolinaKastein.html Acesso em: maio de 2017.

BENCINI, Roberta. **Todas as leituras**. Revista Nova Escola, Ano XXI- nº194. 2006.

BORGES, Camila Delatorre e SANTOS, Manoel Antônio dos. **Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites**. Revista SPAGESP, v.6, n.1. Ribeirão Preto. Junho de 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010 acesso em 20/05/2017

BRASIL, Ministério da educação. Secretaria de Educação Básica – SEB Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula**. Ano 02 – unidade 05. Brasília, 2012. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade_5_MIOLO.pdf acesso em 04/04/2017

_____. Secretaria de Educação Básica. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192 acesso em 27/03/2017

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**, ensino de primeira à quarta série. Brasília, 1997.

_____. **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Organizado por: Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo Barbosa e Ivane Pedrosa de Souza. 2006. Disponível em: http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufsc/file.php/1/coord_ped/sala_12/arquivos/Praticas_de_leitura_anexo-2.pdf Acesso em: 11/04/2017

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatísticas Educacionais – Inep.

Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: Com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília, 2009.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb). **Provinha Brasil:** Avaliando a alfabetização. Guia de apresentação, correção e interpretação dos resultados, leitura e matemática. Brasília, 2016. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/provinha_brasil/kit/2016/guia_corracao_interpretacao.pdf acesso em: junho de 2017

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Senso Escolar da Educação Básica:** notas estatísticas. Brasília. 2017

_____. Secretaria de Educação Básica. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)/Diretoria de Avaliação da Educação Básica. **Plano de desenvolvimento da Educação.** Brasília, 2011

BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento para Educação Básica: Ensino fundamental anos iniciais.** Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/3_ensino_fundamental_anos_iniciais.pdf acesso em: 09/04/2017

FAILLA, Zoara. Instituto Pró Livro. **Retratos da Leitura No Brasil-** 4º Edição. 2016

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 23º Ed. São Paulo. Cortez, 1989.

GATTI, Bernadete Angelina e BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil:** impasses e desafios. UNESCO. Brasília, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ºed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUILHERME, Denise. **Desafios da formação de leitores na escola.** Revista Nova escola. (2013)

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica.** 5 ed. São Paulo, Alínea, 2011. 101 p.

HARNIK, Simone. **Todos pela Educação.** Reportagem de 02 de mais de 2001. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/13817/para-sociologa-professoras-enfrentam-baixo-reconhecimento-da-sociedade/>

JORDÃO, Claudia & RUBIN, Débora. **Para gostar de LER**. Revista Educação. Ano 18 – nº 213. 2015

KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. **Leitura: um desafio sempre atual**. Revista PEC, Curitiba. Vol. 02, nº 01. 2002.

MEIRELLES, Elisa. **Literatura, muito prazer**. Revista Nova Escola. Ano XXV. Nº 234. Agosto de 2010

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVEIRA, Bianca Farias da. **Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico!** Revista Prilíngua /UFPB. Volume 2 – Nº 2 – jul/dez de 2008.

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde**. Physis vol.19 no.3 Rio de Janeiro 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013 acesso em: 11/06/2017

VIDIGAL, Marina. **Incentivo à leitura em casa: dicas de como encantar as crianças**. Revista Crescer. 2008

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário da entrevista com professores

1. Qual o seu gênero:

☐Feminino

☐Masculino

2. Você é professor:

☐ Da rede pública

☐Da rede privada

3. Você atua no (a):

☐Educação Infantil

☐Ensino Fundamental I – 1º ao 5º ano

☐Ensino Fundamental II - 5º ao 9º ano

4. Marque a sua relação com os livros:

☐ Profissional – leitura relacionada somente ao trabalho

☐ Ler por prazer

5. Você possui o hábito de ler? Se sim, quantos livros você lê por ano?

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ou mais livros

6. O que influencia na formação de estudantes leitores?

7. Como você considera sua contribuição na formação do hábito de leitura de seus educandos? Porquê?

☐ excelente ☐ boa ☐ suficiente ☐ insuficiente ☐ ruim

8. Como você incentiva seus alunos a lerem?

9. Quais as dificuldades encontradas na formação do leitor?

10. Como você percebe o interesse dos alunos em relação à leitura?

11. Como é seu planejamento em relação ao uso da biblioteca?

12. Como a escola está organizada para desenvolver o gosto pela leitura?

APÊNDICE B - Roteiro para roda de conversa com alunos

1. Você gosta de ler?
2. Nas horas vagas, você possui o hábito de ler?
3. O que você costuma ler?
☐ Livros para a aula ☐ história em quadrinhos
☐ Livros de literatura ☐ Outros: _____
4. Você lê:
☐ por gosto
☐ por obrigação
5. Alguém te incentiva a ler mais e gostar de livros?
6. Você tem o hábito de visitar a biblioteca da escola?
7. Seu professor te incentiva a ler?
8. Em sua classe são realizadas atividades que envolvem leitura?
9. Se na pergunta anterior você respondeu sim, com que frequência são realizadas as atividades de leitura em sua sala?
10. Sua/seu professor (a) sugere leitura de livros?
11. Sua/seu professor (a) realiza atividades na biblioteca?
12. Seu professor te incentiva a usar a biblioteca da escola?

APÊNDICE C - Autorização de pesquisa

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Autorização de Pesquisa

Diretor

(a): _____

Escola: _____

Prezador Diretor(a),

Solicito sua permissão para utilizar esse estabelecimento de ensino para a realização de pesquisa científica. A pesquisa será sobre a influencia do professor na formação do estudante leitor.

A pesquisa realizada faz parte do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia na Universidade de Brasília da Aluna Tátylla Michelle Alves Alves de Sousa matricula nº 13/0058211 sob a orientação da Profº Drº Maria Emilia Gonzaga de Sousa.

Estou ciente que os dados coletados serão usados somente nessa pesquisa e não será identificado nenhum aluno da escola.

Diretor(a)

Pesquisadora

Brasília, de de 2017.